



JUNTA COM O FRACKING 14

Denunciam que a Junta está a favorecer o possível a abertura de explorações do subsolo galego mediante a técnica extrativa conhecida como 'fraturaçom hidráulica' ou 'fracking', a qual tem muitas conseqüências para o ambiente.

CAFÉ UF EM VIGO 15

Entrevistamos Luís Feijoo, um dos responsáveis deste local vigués, com história, princípios e longe das modas. Abrirom as portas na Rua do Prazer, há já trinta anos, com a arte, a ideologia e o debate bem presentes, das paredes às conversas.

NÚMERO 122 | 15 DE JANEIRO A 15 DE FEVEREIRO DE 2013 | 1,20 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

DIEGO LORES
é membro da Oficina de Direitos Sociais de Coia (Vigo)
Pág. 6



“Que haja pobres nom é umha causa divina nem natural: a riqueza é nossa, e haverá que reparti-la”

CRISE FINANCEIRA

Morre NGB e começa o assalto aos aforros

Nos últimos anos viu-se como a base do sistema financeiro galego saltou polos ares. Os grandes poderes começaram a fazer jogos malabares com as entidades onde a cidadania galega tinha depositados os aforros, tornando as velhas caixas num suculento prato para a grande banca. Por enquanto, a classe

política nom dava umha resposta à altura da situaçom. Nesta reportagem analisamos como a reestruturaçom da banca segue a ser pagada pola populaçom e milhares de trabalhadores que irám para a rua. Por enquanto, a classe política continua sem dar umha resposta à altura da situaçom. / PÁG. 20



Monopólio no salvamento marítimo precariza serviço

A Junta blindou o monopólio do salvamento marítimo com meios aéreos, adjudicando-o à Inaer Helicópteros Offshore, pertencente à família proprietária da Pescanova, que gere o serviço desde que foi instituído e que desde há pouco passou a controlar também as brigadas helitransportadas contra incêndios. O PP volta a favorecer empresas 'amigas' para

privatizar serviços em situaçoms vantajosas já que o contrato, que foi engrossado até superar os seis milhões de euros anuais, permitirá à empresa adquirir duas aeronaves por metade do preço. A melhora da concessom coincidiu com cortes no serviço, que fôrom arranjados após vários acidentes mortais no mar que preocupárom a opiniom pública. / PÁG. 15

OS CASOS DOS BEBÉS ROUBADOS NA GALIZA

A mao rica e bondosa que mexe no berce

Por vezes mesmo havia faturas de compra e venda das crianças. Monjas, matronas, ginecólogos, notários e pais adotivos estavam implicados numha trama alega de adoçoms patuadas que começaram no franquismo seródio, e se entendêrom até bem entrados os

90. Também no país há casos, centos deles, segundo conta para o NOVAS DA GALIZA Estrela Vázquez, presidenta da associaçom SOS Bebés Roubados Galiza numha reportagem em que revemos a implicaçom ainda nom provada dumha monja de Vigo. / PÁG. 16

Dez centímetros mais perto do céu

Entrevistamos Raquel Rei, realizadora dumha fita em que fala da relaçom própria e alheia com os tacons, instrumento de seduçom para umhas... e de tortura para outras / PÁG.22



SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA DE INVERNO

A RÁDIO NO NACIONALISMO GALEGO

Vemos alguns episódios da vida deste instrumento ao serviço da causa galega, já desde o ano 1936.

DE MEIGAS E MEIGALHOS

Fazemos um percurso polas práticas de bruxaria que nestes tempos cibernéticos parece que vam ficando em desuso.

OPINIOM

MEU FILHO É UM SER DESPREZÁVEL por Olalha Barro e Cristina Cubeiro / 3

OS PARVOS NO GOVERNO por Gustavo Luca / 3

VOLTAR A PASOLINI por Daniel Salgado / 28

O PELOURINHO DO NOVAS

Se téis algunha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desexas transmitir-nos algunha inquietação ou mesmo algunha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverão ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, NOVAS DA

GALIZA reserva-se o direito de publicar estas colaboraçoms, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

A LEG DIANTE DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO DO ESTADO

O representante da Universidade de Santiago de Compostela no Conselho Universitario do Estado, membro da Liga Estudantil Galega, vem de abandonar o pleno deste organismo depois de fazer umha intervençom muito dura sobre a gestom do Governo espanhol.

Desde a Liga Estudantil Galega, denunciámos que este organismo é umha simples pantomima que tem como único fim mostrar umha imagem de normalidade e diálogo entre o governo e a comunidade educativa do Estado, sem nenhum tipo de atribuiçom real. Um organismo consultivo ao que reiteradamente nom se lhe escuita, que se convoca com mais de três meses de demora e ao que nem sequer o seu presidente, o Ministro Wert, acode, mais que para votaçoms à comissom permanente totalmente irrelevantes, fugindo de debate qualquer ou possibilidade de diálogo.

Além disto, o Ministério o único que fijo foi umha defesa fechada da sua gestom baseando-se em argumentos inaceitáveis: a crise impede fazer nada mais e nom há alternativas, e a herança recebida

nom nos permite reacionar antes.

Perante este discurso, o representante da USC denunciou que som precisas políticas diferentes em matéria educativa, están-se tomando medidas desde o Governo encaminhadas a resgatar o sistema financeiro enquanto destroem o pequeno Estado do Bem-estar existente, recortam bolsas, modificam as leis para mercantilizar ao estudantado e tratá-lo como simples força de trabalho e nom como cidadãos, sobem as taxas e impedem que a mocidade poda aceder a uns estudos superiores, obrigam à emigraçom a quem nom acha trabalho nem pode pagar os seus estudos, e fomenta reiteradamente a luta de classes, o elitismo e a segregaçom no ensino, fomentando deliberadamente só o privado.

Adrián Dios Vicente

O ESTADO DESMANTELA O SERVIÇO DE CORREIO RURAL

A Sociedade Estatal de Correios irá proceder em breve à implementaçom dum plano que se remonta a 2008, para extinguir as entregas postais no rural galego. Um decreto publicado naquela al-

tura e que apenas recebeu atençom, deixava em maos da empresa estatal Correios levar ou nom as entregas àquelas áreas com pouca densidade de populaçom. Na prática, isto traduziu-se numa regulamentaçom que estabelece que nom se levará o correio a qualquer aldeia ou morada que esteja a mais de 250 metros de uma estrada principal.

A medida, que previsivelmente será aplicada em 2013, deixará sem reparto paróquias inteiras, ficando excluídos do serviço entre 200.000 e 400.000 pessoas em

toda a Galiza. Correios alega que procura apenas “melhores condiçoms” para os carteiros, destacando “problemas” do rural como a “falta de rótulos en las calles” ou as “deficiencias de señalización”, embora os aproximadamente 1.000 carteiros rurais afirmam que estas questons nunca impediram o seu trabalho e o que na verdade quer a empresa estatal é maximizar os seus lucros (...).

Os responsáveis de Correios irão forçar às pessoas do rural a deslocarem-se até as capitalidades dos municípios ou a lugares habi-

litados noutros pontos para recolherem o seu correio, o que evidencia um profundo desconhecimento da geografia humana e estrutura populacional da Galiza (...).

O PT denuncia que esta medida está enquadrada no plano geral de abandono e crescente marginalizaçom do rural, evidenciado com a reduçom e clausura de outros serviços de educaçom, saúde e ensino, e que procura a acumulaçom de pessoas nas grandes áreas urbanas (...).

Ainda, o Partido da Terra considera que, de continuar a Correios com o seu plano, a resposta deve ser a de criar serviços postais de base comunitária e proceder à boicotagem da empresa estatal. Que sejam as comunidades as que carreguem com os custos da lógica de lucro insaciável e urbanocentrismo deve levar ao mais enérgico rechaço, sendo preferível a dissoluçom desta sociedade estatal e o fim dos impostos com os que também carrega a populaçom rural. Caso contrário, e como já acontece com outros “serviços públicos”, as comunidades rurais que nom gozam deles, continuarán a pagar a sua existência nas cidades.

Partido da Terra

HUMOR MINCINHO



EDITORIAL

Saber-se vivas para reagir contra o mal

Polacada, difícil de ver, mas a cada dia que passa, as mensagens que nos enviam diretamente os medios de comunicaçom públicos, já nom os empresariais, estam mais carregadas de catolicismo. Assim como soa: mensagens católicas, apostólicas e romanas. O Opus Dei, com todas as suas frentes abertas, que som muitas, até é quem de entrar na Sanidade e na Educaçom, porque nom havia entrar também na rádio e na TV? Nas últimas semanas, o Telejornal

da Galega tem emitido incontáveis imagens do Papa de Roma, a fazer cousas, sejam quais forem, para além das consabidas bençoms de ano novo. E há também notícias pequenas, que parecem feitas para serem passadas por alto, como se nom existissem, mas que ficam na retina, como as dos convénios assinados entre a Junta e Cáritas, que antes nom teriam entrada nos noticiários públicos, e que agora tenhem os seus 30 segundos em antena; ou as desnecessárias opinions de bis-

pos e curas sobre diversos temas de atualidade. A Igreja mais rança e o neoconservadorismo mais burocrático seguiram a reger as vidas do povo galego neste ano que acaba de começar, mas só se lhes deixarmos. As luitas som muitas, há tempo que começárom, mas todas perseguem um objetivo comum: tombar um sistema que se alimenta de nós, da pobreza. Desde a pobreza mesma há de sair a força para combater a privatizaçom da Sanidade e da Educaçom, a rebaixa das pensoms, o alon-

gamento das jubilaçoms, os despejos, as ajudas aos bancos, a suba dos impostos, a desapareçom da língua própria, o racismo contra as pessoas migrantes... Do paro, da raiva, da fome, ham de sair alternativas que nos sirvam. Nalgumhas vilas o fenómeno das assembleias abertas está a deixar boas iniciativas, como mais centros sociais abertos -para além dos que já inçavam o País-, comedores e hortas populares, mercados próprios, com produtos do trabalho cooperativo... E, sobretudo, lugares

onde juntar-se, sabermos vivas e reagir contra o mal: o capital. Sem querer parecer simples, a luita é, desde há séculos, entre ricos e pobres. Entre classe trabalhadora e classe dirigente. Entre os bancos e os velhos que alí guardaram as suas poupanças. Cumpre termos claro que nós somos as de abaixo, e que desde onde estamos, desde a solidariedade e contra o medo, devemos reagir. Já nom é só questom de resistir o que venha, mas de desfazer o que nos queira apagar e, no seu sítio, realizar juntas esses sonhos que, como diz a palavra de ordem, nom cabem nas suas urnas.



EDITORA

A.C. MINHO MEDIA

CONSELHO DE REDAÇOM

Iván G. Riobó, Aarón López Rivas, Rubén Melide, Xavier Miquel, Antia Rodríguez García, Raul Rios, Olga Romasanta, Alonso Vidal, Paulo Vilasenin, Xoán R. Sampedro

SECÇONS

Cronologia: Iván Cuevas / **Economia:** Aarón López Rivas / **Agro:** Paulo Vilasenin e Jéssica Rei / **Mar:** Afonso Dieste / **Media:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca / **A Terra Treme:** Daniel R. Cao / **Além Mincinho:** Eduardo S. Maragoto / **Povos:** José

Antom 'Muros' / **Dito e Feito:** Olga Romasanta / **A Denúncia:** Iván García / **Cultura:** Antia Rodríguez / **Desportos:** Anjo Rua Nova, Isaac Lourido e Xermán Viluba / **Consumir Menos, Viver Melhor:** Xan Duro / **A Criança Natural:** Maria Álvares Rei / **Agenda:** Irene Cancelas / **A Revista:** Rubén Melide / **A Galiza Natural:** João Aveledo / **Gastronomia:** Luzia Rgues., Sino Seco / **Língua Nacional:** Valentim R. Fagim / **Criaçom:** Patricia Janeiro / **Cinema:** Francesco Traficante, Xurxo Chirro

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM

Hilda Carvalho, Joám Fernandes, Manuel Pintor, Helena Irlímia

FOTOGRAFIA

Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Zélia Garcia, Borja Toja

ADMINISTRAÇOM

José Viana e Carlos Barros Gonçalves

LOGÍSTICA E PUBLICIDADE

José Viana e Daniel R. Cao

AUDIOVISUAL:

Galiza Contrainfo

HUMOR GRÁFICO

Suso Sanmartin, Pestinho, Xosé Lois Hermo, Gonzalo, Ruth Caramés, Pepe Carreiro, Mincinho, Beto

CORREÇOM LINGÜÍSTICA

Xiam Naya, Fernando Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero

IMAGEM CORPORATIVA

Miguel Garcia

COLABORAM NESTE NÚMERO

Olalha Barro, Cristina Cubeiro, Gustavo Luca, Rocio Fraga, M.B., Carlos Calvo Varela, Alba G. Noia, Charo López, Julio Vilariño, Zélia Garcia e Daniel Salgado

FECHO DE EDIÇOM:

15/01/2013

Meu filho é um ser desprezável

Olalha Barro
e Cristina Cubeiro

Quase tam desprezável como eu. Cada vez que me dim que cuidar-te é nom fazer nada, que estar contigo é algo sujo, algo que nengumha mulher deveria fazer sem cobrar, eu escuto: “teu filho é um ser desprezável”.

Que pouco vales! Será que ainda nom podes sair ao mercado, nem cotizar em bolsa, nem ven-

der-te como força de trabalho. Por isso, nom mereces que te respeite, que te queira, que satisfaga as tuas necessidades. Tês de aprender a sofrer, a ser submisso, a calar, a que ninguém te vaia atender.

Meu picarinho, nom te assustes, porque no fundo a desprezável som eu. Porque tu és eu e eu som tu. As mulheres sempre somos algo nojentas, sempre temos algo de infra-humanas, mas desde que decidim cuidar-te estou no limiar da exclusom social porque só te-

mos a identidade que nos confere o trabalho escravo. Assim é, meu bem, qualquer pessoa preferiria escuitar que pago por trabalhar do que escuitar que estou na casa contigo. Essa frase provoca tal estridência que todo o mundo reage com violência e agride sem cancelas. Mancam-me.

Parece tornar-se incompreensível que a tua vida nom se baseie na carência. A carência, motor desta sociedade de consumo, desta sociedade do medo. Como explicar que em lugar de berço uses o meu corpo? Em lugar de Nestle tomes o meu leite? Em lugar de bonecos com música escuites a minha voz? Mas hoje sei que o meu corpo, o meu leite e a minha voz som desprezáveis.

Traslado a minha raiba, provocada por este maltrato, para todOs, mas nom para essa mulher com as filhas criadas que tenta advertir-me: “estás a malcriá-lo”. Sei que sofreu, que emudeceu o seu corpo dizendo-se sem descanso: “é polo seu bem, é polo seu bem, é polo seu bem, é polo seu bem”. Mui no fundo ela sabe que apenas era polo bem do patrom, do marido, do olho transversal do patriarcado. Isto também é violência machista. Solida-

Amor, confundim o meu caminho, tinha de ser um caminho de auto-ódio, de flagelação constante, de sofrimento e sacrifício. Mas optei por um caminho de amor próprio, de solidariedade, de plenitude e prazer...

riedade com as vítimas, meu amor, solidariedade. Como reclamo solidariedade comigo, outra vítima dessa mesma violência.

Quando nom estamos perto, todo o meu corpo brama por ti, como nom escuitar-me? Convencérom-nos: “o meu corpo nom sabe, a minha mente si”. Todo o que tradicionalmente figérom as mulheres eram cousas desprezáveis, o último na escala social. Na realidade, nem tam sequer está na escala social, é algo que nom pode contemplar-se, é o nom ser, o nom fazer. Se queres lutar, luta por te fazer um oco num mundo de homens onde a maternidade nom tem lugar, nom importa, tanto tem. Nom luites por mudar o sta-

tus quo, por tornar visível o invisível, por nomear as sem nome, por fazer o que nom é, o nada. Isso é umha ameaça grande de mais. Ainda ham cuspir que parecemos da “Sección femenina”, quando de facto estamos a levantar umha barricada anti-capitalista.

Os cuidados nom podem ser o centro da sociedade, nom podemos questionar a carência. A lentidom nom pode ser um estilo de vida, nom podemos parar a obsolescência planificada. As entranhas nom som um bom juiz, nom podemos rachar com o senso comum. Bauman, Rodríguez ou Federici podem escrever com a autoridade da pluma, mas nós nom podemos fazer o que elas dim, isso é imperdoável.

Amor, confundim o meu caminho, tinha de ser um caminho de auto-ódio, de flagelação constante, de sofrimento e sacrifício. Mas eu optei por um caminho de amor próprio, de solidariedade, de plenitude e prazer. Haverá algo mais desprezável neste mundo que umha mulher plena?

Respect me (us).

PD: Teu pai também quer participar desta festa do amor. Haverá algo mais deplorável? Um homem rebaixado a fazer tarefas de mulher! Amar e cuidar, colo e mioquinho, esse é o seu gram capital! Que ofensa para todo o seu género! Com certeza, quase é tam desprezável como nós!



RUTH CARAMÉS

Catástrofe é que governem parvos

Gustavo Luca

Está inseguro Alfonso Rueda perante os méios. O vice-presidente da Junta anuncia que escapamos por um quase nada dumha “catástrofe”.

A raiz Grega *katastrofein* (debalo universal) fora invocada com muita precisom pola agência UPI quando derrubaram as torres de Manhattan. Na ocasiom que nos ocupa, pola contra, nom falamos dumha trovoada de lume e ferro cimento que mata a 3.000 e congela a vida dum país, senom dum moço de 28 anos desarmado que andava pola devesa de Bugalhão. Ouvia bem: desarmado. A tropa que rodeou a devesa para deter a HMP, estava protegida com coletes a prova de balas e armada com rifles G36K que podem disparar 750 balas por minuto e vam dotados de mira ótica e de ponto vermelho. Um Fiscal especializado em intervençom contra grupos

armados, dirigia a operaçom. Despreza o nome da devesa em favor do sistema descritivo de Marcial Lafuente Estefanía para descrever o lugar em que encerrárom o detido: “vagava por umha zona de bosque”.

Rueda dava a roda em Vilagarcía, lugar entre os mais viçosos do País em armas ilegais, e esforçava-se por louvar o esforço bélico dos oficiais do Estado contra um rapaz nom previsto de armas de fogo, fichado, vigiado desde há anos, de hábitos anotados e previstos. A acusaçom, ainda nom provada, de que HMP levava com el “três artefactos explosivos” nom se compara com a envergadura da operaçom. É um feito objetivo que a palavra espanhola “artefato” priva de transcendência qualquer descriçom e ainda mais quando quem a projeta é cargo público com preferência protocolar.

O vice-presidente tem umha

O Fiscal Especial já sentenciara duas vezes antes da detençom de HMP o “descabeçamento” do hipotético grupo

personalidade atormentada, agónica no senso unamuniano.

Quando atravessa um martírio cénico coma o de Vilagarcía parece como se umha mosca verde lhe passear o espaço compreendido entre o queixo e a raiz do trixémino. Nom é cativa responsabilidade de entregar à prensa amiga e crédula o nome, foto e domicilio dum cidadão de pleno direito e atribuir-lhe a intençom de chamuscar vivos aos seus congéneres. A acusaçom contra HMP sucede a outras, nom provadas con-

tra conhecidos seus como a danteza delitiva dumha pota de vapor num domicilio viguês, há seis meses.

Na sua torturada comparecência pública, Rueda também anunciou que com a detençom de HMP fora “descabeçado” o hipotético grupo identificado polo Fiscal como conSPIraçom de terror, mas é bem certo que em atuaçoms prévias contra a mesma sociedade acusada de marginal e delitiva, o citado Fiscal Especial já sentenciara no mínimo duas vezes o decepado capital. Algum jornal amigo do Vice-presidente, desde posiçoms de profissionalismo nom subsidiado, confirma que a cabeça “foi de novo descabeçada”.

No processo de intençoms da cúpula do PP contra os que participamos das afirmaçoms contidas no manifesto Resistência Galega, também procura protagonismo o delegado do Ministério do Interior, Samuel Juárez, desfeito em

ditirambos sobre a agudeza do Fiscal Especial e da tropa armada que manda. O tal delegado tem incapacidade provada para ordenar intervençoms de agentes armados, depois de fazer rir até as galinhas com o seu plano para matricular eletronicamente a população cabalar do País, incluídos os que andam aventureiros pola Groba. Ou é que passou já o recorde da sua atlética e fracassada promessa de deter a todos os participantes na conSPIraçom incendiária arboricida?

Rueda e Juárez conhecem sem dúvida o último barómetro do CIS, publicado há um mês, no que a preocupaçom polos abusos e necessidades do poder som muito superiores ao temor dos que promovem manifestos como o de Resistência Galega. O paro, a economia, a sanidade, o proceder dos bancos, os recortes e preséncia de incapazes no governo produzem alarma social. Catástrofe, vem dizer o inquérito, é ter o País governado por parvos.

Gustavo Luca é jornalista

ACONTECE

BNG APRESENTA MOÇOM CONTRA AS 'PELOTAS DE GOMA'



O grupo municipal do BNG de Bueu apresentará umha moçom para que a Junta pida ao governo do Estado espanhol a aboliçom do uso das 'pelotas de goma' por parte da Polícia. O BNG pide que o concelho se adira à campanha "Stop balas de goma".

JOSE LUIS BALTAR É IMPUTADO



Quem for presidente da deputaçom de Ourense durante 28 anos, Jose Luis Baltar, foi denunciado polo fiscal chefe de Ourense polas irregularidades na contrataçom laboral de 115 pessoas. Baltar pediu a baixa de militância do PP.

POSSÍVEL ENCERRAMENTO DO 'CENTRO DE ORIENTACIÓN FAMILIAR' (COF) DO VENTORRILHO

Novo ataque aos direitos sexuais e reprodutivos das mulheres na Corunha

ROCIO FRAGA / Na Corunha existem hoje dous Centros de Planeamento Familiar (COF). Entre os dous atendem mais de 150.000 mulheres dentre 15 e 54 anos, e isso sem contarmos a populaçom masculina que também fai uso dos centros. O COF de Beira-Mar, que depende do Concelho e do SERGAS, atende à populaçom dos concelhos da Corunha, Oleiros, Sada, Cambre e Carral. Nesta área vivem 90.834 mulheres dessa faixa etária. O outro centro, o do Ventorriño, atende 61.674 mulheres residentes em 32 concelhos: Carvalho, Coristanco, Zás, Cabana de Bergantinhos, a Larcha, Malpica, Ponte-Ceso, Arteijo, Culheredo, Cerzeda, See, Corcubion, Camarinhas, Mugia, Vianzo, Laje, Betanços, Abegondo, Bergondo, Oza dos Rios, Curtés, Vilasantar, Irijó, Paderne, Miño, Vilar-Maior, Aranga, Cesuras, Coirós, Dumbria, Sobrado dos Monges e Fisterra.

Para atender devidamente semelhante número de pessoas, seria necessário no mínimo dotar um terceiro centro, como recomendam a Federaçom de Centros de Planeamento Familiar e a Organizaçom Mundial da Saúde. Ocorrerá justamente o contrário. Hoje, havendo dous Centros, a lista de espera de entre três meses e um ano. Com um só Centro, muitas mulheres serán forçadas,

CENTRO DE ESPECIALIDADES do Ventorriño, onde se encontra o COF



as que puderem, a recorrer a uma consulta privada.

Estes Centros ocupam-se da atençom imediata às interrupçom legais de gravidez, da instalaçom rápida e segura do método anticonceptivo, dos efeitos seus secundários e complicaçom e de darem atençom à problemática afetivo-sexual e de casal. E também, e desde o início, fam um trabalho de educaçom. As equipas de trabalho dos COF som um referente e tenhem feito muito em beneficio da saúde das mulheres, com profissionalismo e envolvimento, resolvendo problemas que, derivados da saúde

afetivo-sexual e reprodutiva comportam grandes problema de integraçom social.

O COF do Ventorriño funciona desde 1981 e conta com umha equipa formada por profissionais de diferentes disciplinas: um ginecologista, umha enfermeira, umha psicóloga clínica, umha trabalhadora social -em Educaçom Sexual e Planeamento Familiar-, e umha auxiliar de clínica. Se o ginecologista nom fosse substituído, isso poderia levar ao encerramento do Centro e, portanto, à perda de um serviço único, pois o COF de Beira-Mar nom poderia assumir a carga de utentes que ficariam de-

satendidas, já que ambos están atualmente sobrecarregados.

As equipas de trabalho começaram a interpelar o SERGAS para que cubra a reforma do ginecólogo. A resposta da instituiçom foi um engano ante os meios, afirmando que de duas vagas que ficavam livres por jubilaçom, cobririam umha, que nom é a do COF, mas dos serviços de maternidade. Diferentes plataformas e coletivos feministas continuarán a pressionar para que se mantenham os centros em funcionamento e com todos os seus serviços e também para impedir que se dê mais um passo no caminho

de fechar e desmantelar os serviços de saúde pública.

Trata-se dum serviço imprescindível e que, ademais, é economicamente rendível, se é que assumimos o discurso dos governos, estatal e galego, e medimos a saúde em termos economicistas, algo que, evidentemente, nom deveria ser assim. Os números falam a favor de que nom só se mantenham, senon que se reforcem este tipo de serviços. Mas, mais umha vez, os ataques à liberdade das mulheres através do recorte nas suas liberdades sexuais som os que dirigem este tipo de medidas.

CRONOLOGIA

10.12.2012 / Más de 200 pessoas concentram-se em Vigo para pedir o indulto para David Reboredo.

11.12.2012 / Afetados polas preferentes ocupam a sede central de NGB na Corunha.

12.12.2012 / Mercedes Veiga, perceveira, morre entre Baiona e Santa Maria de Oia tras sufrir um accidente laboral e agardar 40 minutos polo helicóptero de Salvamento Marítimo.

13.12.2012 / Dous independentistas elevam a quatro as saídas da cadeia desde o dia 10. A metade produzem-se tras quatro anos de condena e o resto tras pagar 6.000 euros de fiança.

14.12.2012 / Conselharia de Meio Ambiente aprova a declaraçom de impato ambiental da mina de ouro prevista em Corcoesto.

15.12.2012 / Umhas 3.000 pessoas manifestam-se em Lugo contra a estafa das preferentes.

16.12.2012 / Esculca publica dados do governo espanhol segundo os quais 538 pessoas com origem ou residência na Galiza están dispersas em cadeias de fóra do país, 84 delas em prissom preventiva.

17.12.2012 / A.P.R., actualmente preso na Lama, apresenta denúncia contra funcionários do cárcere de Teixeira por torturas.

18.12.2012 / Centos de pessoas concentram-se, convocadas

polo Foro Galego de Imigraçom, perante a Subdelegaçom do Governo de Espanha na Corunha e as comisarias de Compostela e Ferrol.

19.12.2012 / Pessoas afetadas polas preferentes tomam o Parlamento e obrigam a suspender a sessom de control.

20.12.2012 / Queimam duas ambulâncias em Carral e Cerzeda, coincidindo com o começo dumha nova greve.

21.12.2012 / Maria Matilde Herero Barcia, vizinha de Fene, é assassinada pola sua parella, do que estava a se separar. O home, Jesús Candido Rodríguez Prado, suicidou-se a seguir.

22.12.2012 / Conselho da Advocacia Galega considera 'persona non grata' ao ministro de Justiça, Alberto Ruiz Gallardón.

23.12.2012 / Coletivo Fartas "despeja" o menino Jesus do belém do Obradoiro (Composte-

ENCARCERAM DE NOVO UMHA PRESA APÓS TRÊS DIAS DE LIBERDADE



Mariam Ruiz que saiu em liberdade o dia 23 de dezembro, logo de 10 anos no cárcere por per tença aos GRAPO, foi encarcerada de novo durante dous dias quando foi renovar o seu DNI o pasado 26. Socorro Rojo Internacional denuncia que um auto de Garzón 'trasapelado até agora' ordenaria o ingreso em prisom de 23 pessoas.



O coletivo Fartas reivindicou o roubo do "nenos Jesus" do belem da Praça do Obradoiro com a intención de denunciar a actual situación de despejos. Depois de que dormisse numha caixa automática, o boneco foi de novo para o seu sitio. Fartas afirmou que a maioria social reclamará "outra sociedade radicalmente igualitária".



O PP força o Parlamento a posicionar-se ante a detençom dum militante independentista

HADRIÁN MOSQUERA 'SENLHEIRO' DENUNCIÓU TORTURAS POR PARTE DA POLICÍA

NGZ / O Partido Popular (PP) proporá umha declaraçom institucional do Parlamento da Galiza na que a câmara condene o "terrorismo". Assim o anunciou o partido no governo da Junta na manhã seguinte à detençom do independentista Hadriam Mosquera, conhecido como 'Senlheiro' entre as suas amizades. O arresto tivo lugar na noite da passada terça 8 de janeiro no município de Ames, onde reside o jovem. É a primeira vez que a detençom dum independentista motiva umha reaçom política deste tipo por parte do

partido no Governo.

Até o de agora, as detençoms de independentistas só motivavam palavras de denuncia contra os detidos e detidas por parte dos partidos do regime, condenas que eram recolhidas na imprensa mas que nunca fora levada ao Parlamento deste jeito. Com este movimento, o PP obrigará os grupos da oposiçom, cuja principal novidade é a coaligaçom eleitoral AGE (formada por Anova e Esquerda Unida) a aceitar ou rejeitar a condena institucional "ao terrorismo em geral e à Resistência Galega em

particular" que pretendem que faga o Parlamento da Galiza.

Ao fecho desta ediçom, nenhum dos partidos da oposiçom figera declaraçoms oficiais a respeito de que postura tomariam de chegar a se fazer a proposiçom do PP. Se no passado o BNG costumava de se manter em silêncio ou mesmo celebrar as detençoms, como figera de Ana Pontón numha entrevista na TVG, desta vez políticos da frente como Rubén Cela manifestárom nas redes sociais a sua postura contra a legislaçom "anti-terrorista" baixo a que se efetuam as

detençoms, ao entendê-la contrária aos Direitos Humanos.

Mas a proposta do PP parece ir lançada contra a Alternativa Galega de Esquerdas (AGE), único grupo novo no Parlamento nesta legislatura. Anova, a pata nacionalista da coaligaçom, já rejeitara outras detençoms de independentistas por violar os Direitos Humanos com a lei anti-terrorista. A outra pata de AGE, Esquerda Unida, nunca se pronunciou sobre as detençoms de independentistas galegas. Ao funcionarem como grupo parlamentar, a posiçom de AGE frente à eventual petiçom de condena terá que estar feita em consenso entre ambas forças políticas.

Torturas

Ao dia seguinte da detençom, quando a Guarda Civil sacou Hadriam do seu domicilio para levá-lo à carrinha policial, o detido pôde berrar que fora torturado tanto no momento da detençom coma no momento do registo domiciliário: "torturáron-me no monte e estám-me ameaçando!". Este seria o segundo caso de torturas denunciado por independentistas recentemente, após as detençoms de Xurxo e Diego em Vigo no passado outono.

O juiz da Audiência Nacional, Fernando Andreu, decretou prisom incondicional para o detido sem acusaçom de pertença a banda armada nem possessom de explosivos. O juízo poderia demorar-se até quatro anos em virtude da legislaçom "anti-terrorista" obviando, assim, a presunçom de inocência e mantendo o detido na cadeia sem ser julgado nem condenado por nenhum tribunal.



Esculca denuncia as condiçoms do cárcere de Teixeira

NGZ / Esculca apresentou recentemente umha queixa perante a direçom de Teixeira e a Defensoría del Pueblo onde som denunciadas as deficiências desta prisom, que qualifica como muito precárias. O deterioro das infraestruturas foi umha das críticas emitidas polo Observatório, já que as celas de primeiro grau sofrem um total abandono. Este estado pode implicar consequências para a saúde dos presos, que neste grau passam muitas horas fechados nelas. Para além disto, o cárcere nom conta com nenhum tipo de programa de atividades, requisito obrigatório segundo a legislaçom vigente. Por último, denunciárom também as carências sanitárias a que som submetidos os presos, quem tenhem que aguardar muito tempo para serem examinados e mais ainda para serem tratados por especialistas como o psiquiatra.

CRONOLOGIA

la) numha açom simbólica e reivindicativa. Aparece o dia 26 num caixa automático de Conjo.

25.12.2012 / É localizado o cadáver dumha mulher em Arteijo, com signos de violência.

26.12.2012 / Cementos Cosmos anuncia a intençom de despedir a 60 dos 74 trabalhadores da empresa em Sárria.

27.12.2012 / Uns trescentos trabalhadores públicos concen-

tram-se em Compostela contra os cortes.

28.12.2012 / Centos de galegos manifestam-se contra os despejos nas principais cidades.

29.12.2012 / Estátua de Manuel Fraga Iribarne em Cambados amence pintada como Batman.

30.12.2012 / Navieira Mar de Ons anuncia a supressom da metade dos trajetos Cangas-Vigo nos fins de semana.

01.01.2013 / Morre Jaime Pazos Balboa, arroiado polo seu trator em Agolada.

02.01.2013 / Vizinhos de Lodeiro (Viveiro) celebram com umha solta de balons o falho do TSJG que sentença a inexecutabilidade da demoliçom das suas vivendas.

03.01.2013 / Alcaide de Santiago, Ángel Currás, citado como imputado na operaçom Pokémon. Procuradoria querela-se

contra José Luis Baltar, ex presidente da Deputaçom de Ourense, por prevaricaçom.

04.01.2013 / Novagalicia Banco propom aos sindicatos o despedimento de 2.508 trabalhadores até 2017 e o fecho de 327 escritórios.

06.01.2013 / AMPA da escola pública de Castelo de Minho "seqüestra" um rei mago da cavalgada local para exigir como resgate o professor de primária

suprimido por suposta falta de alunado.

08.01.2013 / Carlos Callón, presidente da Mesa pola Normalizaçom Lingüística, é absolvido da falta de injúrias ao juiz Antonio Fraga Mandián.

09.01.2013 / Audiência Nacional espanhola ordena o embargo do património dos ex directivos de Nova Caixa Galicia Julio Fernández Gayoso e Francisco Javier García de Paredes.

ABSOLVEM A CARLOS CALLÓN



O presidente da Mesa pola Normalizaçom Lingüística, Carlos Callón foi absolvido do juízo de faltas por injúrias ao ex-juiz decano da Corunha, Antonio Fraga Madián. Callón recriminou o juiz que defendera a legalidade de utilizar o topónimo “La Coruña”, incumprindo a Lei de Normalizaçom Lingüística que estabelece a toponímia.

CAMPANHA CONTRA OS LAGOSTINS TROPICAIS



Verdegaia apresentou umha campanha para as festas de Natal, para recomendar à cidadania que se absteria de comer lagostins tropicais. Segundo a entidade esta espécie contém químicos, têm um grave impacto ambiental e empobrece a economia local. Os ecologistas optam por produtos das pesqueiras de baixo impacto no litoral.

ENTREVISTA A DIEGO LORES, DA OFICINA DE DIREITOS SOCIAIS DE COIA

“Os serviços sociais funcionam como umha forma de controlo dos setores empobrecidos”

A.L. / O bairro viguês de Coia é desde o seu nascimento um exemplo de luta comunitária. Nos anos 60 albergou a mão-de-obra que emigrava a Vigo para trabalhar nas factorias que apareciam na época. Há uns 5 anos, abriu as suas portas umha entidade que tem por objetivo combater a exclusom que se está a incre-

mentar tanto no bairro como na cidade: a Oficina de Direitos Sociais (ODS) de Coia. Este ponto de informaçom e denúncia recebe ao público na paróquia do Cristo da Vitória, umha comunidade cristá seguidora dos postulados da teologia de libertaçom que acompanhou desde sempre as vizinhas na sua luta.

Como nasceu a ODS-Coia?

A ODS nasceu a finais de 2007. A primeira pata da oficina é que somos e vivemos em Coia. Desde sempre nos vimos metidos numha forma de entender a vida desde o comum. Estivemos também acompanhando a luta polo direito a teto da gente sem lar da cidade. Nesta lógica apareceu a gente do Grupo de Agitaçom Social (GAS) e também Baladre, como coordenaçom de lutas contra a pobreza, a precariedade e exclusom social. Graças a eles conhecemos os pontos de informaçom sobre direitos sociais, que estão feitos à imagem do de Barakaldo, de Berri Otxoak, que nasceu no 97. Enredados com a gente de GAS e de Baladre lançamos a abrir a oficina que basicamente é um ponto onde informamos de jeito alternativo das ajudas sociais que existem, porque entendemos que a informaçom que existe é mui escassa e mui interessada. Depois essa informaçom serve para denunciar a pobreza e a exclusom na que vivemos umha maioria.

Que tipo de problemas enfrentades na ODS? Há algum perfil concreto da gente que vêm onda vós?

A oficina está aberta às segundas de 17.00 a 19.00. No último ano há cada vez mais gente. Há alguma que já passou polos serviços sociais anteriormente, mas o aumento vem pola nova pobreza. Estas pessoas venhem porque estiverom nos serviços sociais do Concelho e lhes dim que nom há cartos ou que esses serviços nom som para eles. Umha pessoa que ia apanhando-se pola sua conta e de repente vê que a cousa vai mal, no INEM dim-lhe que nos serviços sociais lhe podem ajudar, mas ao achegar-se ali começa a flipar com as respostas, por que lhe dim que nom há cartos, que como tem



família a sua família tem a obriga de mantê-lo... Há muita gente que se achega aqui com essa história. Falo da gente nova nos serviços sociais. A velha vive controlada por umha miséria, a gente que percebe a Risga tem um excessivo controlo da sua vida por 400 euros ao mês.

A que te referes com que há um excessivo controlo?

Entendemos que os serviços sociais funcionam como um instrumento de controle social dos setores mais empobrecidos que produz o capitalismo. Os serviços sociais nom fôrom muito mais aló da caridade. Por umha Risga ti tés que dar contas periodicamente a umha trabalhadora social, tés umhas exigências para um projeto de inserçom que che obriga a buscar trabalho, a fazer cursos, a notificar os teus cámbios em cousas tam íntimas coma se alguém vive no teu domicílio ou deixa de viver. Obriga-che a dares contas de quase toda a tua vida e sempre

.....
“Acompanhamos a luta polo direito a teto da gente sem lar”
.....

.....
“Informamos de jeito alternativo das ajudas sociais que existem”
.....

por umha miséria.

Outra cousa com que topamos com frequência é a gente que vêm aos serviços sociais porque nom pode pagar as faturas. O Concelho de Vigo, como quase todos os Concelhos, tem umhas ajudas económicas para situaçoms de emergência. Estas ajudas tenhem um regulamento, que tem que ser público mas o pedimos umha infinidade de vezes e nom no-lo dam, e tem umhas bases. O que nom pode ser é que chegues aos serviços sociais e che digam que nom tés direito a nada. Isso é mentira.

O orçamento dessas ajudas em Vigo o ano passado foi algo menor de 500.000 euros. Agora mesmo o que está a passar é que a ajuda é como um direito graciável à trabalhadora social ou aos serviços sociais, que segundo como lhes pareça se concede ou nom.

A ODS-Coia participou num estudo de viabilidade da Renda Básica das Iguais (Rbis) na Galiza. Em que se basearia a viabilidade desta prestaçom?

Dizemos que é viável porque entendemos que no mundo o dinheiro existe, que haja dados de que 1 em cada 4 galegos seja pobre nom é umha causa divina nem natural. O que queremos dizer é que a riqueza existe, é nossa, e haverá que reparti-la. Fige-mos umha aproximaçom de como poderia ser a implantaçom na Galiza da Rbis e falamos de que nuns 15 anos poderíamos estar a cobrá-la. Propom-se fazê-lo em várias etapas, começando por coletivos mais vulneráveis. O di-

.....
“A riqueza existe, é nossa, e vai haver que reparti-la”
.....

.....
“Que 1 em cada 4 galegos seja pobre nom é causa divina”
.....

nheiro viria por três vias: através de umha maior fiscalidade para as grandes fortunas, da eliminaçom de gastos inecesários num mundo com justiça social, e de que ao juntar-se todas as prestaçoms na Rbis desapareceria todo o aparato burocrático atual.

Durante o trabalho de campo figestes encontros grupais, entrevistas... Quais eram os debates que se abriam?

A renda básica é um conceito que dá muito para falar. Sempre alguém di que é umha utopia, como pode ser que vivamos sem trabalho! Quando perguntas o que aconteceria se a gente cobra-se a renda básica, responde-se que ninguém vai trabalhar, mas se perguntas ao revés: como farias tu com esses 879 euros? o normal é que a gente diga que seguiria trabalhando, talvez cambiaria de trabalhos, mas trabalharia. Eu participei no grupo de intensidade das pessoas sem lar e serviu para destapar o que é trabalho e o que é emprego. Agora mesmo para viver necessitamos ter um emprego, porque nom há outra forma base de ter ingressos, pero isso é umha maneira de organizar a vida que nom tem por que ser assi. Saem muitas cousas, e vemos que a riqueza sim que existe, que os cartos aparecem para humanizar ruas enquanto se desumanizam vidas na cidade.

CORTES DE 350.000 EUROS A GANADARIA GALEGA



Meio Rural vém de publicar umha nota onde deixa sem efeito as ajudas para o fomento de sistemas de produçom de raças galegas autóctones. Estes cortes de 350.000 Euros ajudavam a manter a centenas de exploraçoms. As ajudas beneficiavam famílias ganeiras de zonas de montanha de Lugo e Ourense.

PERIGA O DIÁRIO DE FERROL



Os trabalhadores denunciam o feche da seçom de infografia como umha nova medida para empobrecer as condiçoms e seguir com o gradual dismantelamento. A isto sumam-se os despedimentos do ano passado e a desaparichom da web. Denunciam também o brutal aumento do desemprego na comarca.



ACÇOM DA CAMPANHA de #BoikotInditex na Corunha



AS VENDAS EM 2012 SUPERÁROM OS 11.000 MILHONS DE EUROS

Inditex volta ser acusada de trabalho escravo na India

NGZ / Um novo informe da campanha internacional "Roupas limpas" vém de acusar novamente a Inditex (juntamente com 20 empresas textis mundiais) pola situaçom em que se acham as suas trabalhadoras na Índia. O informe é a segunda parte do que já se publicou em 2011 por duas ONG's holandesas que investigam as empresas subcontratadas polas que se confeciona a roupa das grandes marcas de moda. Neste informe destapa-se como nenhas e adolescentes trabalham em condiçoms insalubres durante mais de 72 horas à semana por um salário de 0,88 euros ao dia, e do que só podem dispor quando

levem trabalhado entre 3 e 5 anos, que ademais vai servir para que paguem os seus dotes matrimoniais. Embora que Inditex já fai anos que trabalha com estas empresas na Índia, nom foi até maio de 2010 quando abriu a sua primeira loja em Delhi, e a dia de hoje segue a abranger por todo o território da Índia.

Benefícios imparáveis

Os benefícios da multinacional galega seguem sem conhecer teito, com umhas vendas de 11.362 milhons de Euros em 2012 e com o seu fundador, Amancio Ortega no terceiro posto dos mais ricos do mundo, com umha estimaçom

de 57 bilhons de dólares de património. Ademais foi o multimilionário que mais ganhou no 2012, com uns benefícios netos de 22.000 milhons de dólares. A nova estratégia financeira de Inditex passou agora por desfazer-se das suas SICAV's mais importantes e voltar inverter no negócio imobiliário. Em junho do ano passado adquiriu um prédio no centro de Londres por 192 milhons de Euros e na última semana comprou um cétrico prédio na zona mais cara de Barcelona por 100 milhons de Euros. Na capital catalá no último ano, Amancio Ortega têm comprado três prédios por 233 milhons de Euros.

Mudam a lei para perseguir quem nom paga nas autoestradas

NGZ / O PP acaba de efetuar umha reforma na legislaçom para facilitar a repressom contra os usuários e usuárias das autoestradas que se negam a assumir os pagamentos. Nos últimos meses, e perante o aumento continuado dos preços das portagens, tinha-se gerado um movimento espontâneo de pessoas que nom estavam a dispostas a correr com este gasto, já que em muitas ocasioms carecem de alternativas mais baratas. Ante a proliferaçom deste grupo, que na atualidade supera já as mil pessoas, foi emitido um novo texto em que som equiparadas as denúncias do quadro de pessoal das empre-

sas privadas concessionárias com as emitidas pola Guardia Civil de Tráfico. As medidas repressivas incluem também a instalaçom de câmaras de vídeo-vigilância nas portagens e a imposiçom de multas entre 100 e 200 euros.

Os interesses das empresas privadas continuam a ser defendidos polo governo, apesar de autoestradas como a AP-9 terem sido amortizadas há tempo. Os aumentos nos preços das portagens galegas, somados à alta do IVA, situam a quantia fixada por Audasa em 18% mais cara que o ano anterior, constituindo um dos aumentos mais importantes de todo o Estado espanhol.

O IMPERIALISMO JÁ NOM É INVENCÍVEL

Leia e subscreva-se a:

RESUMEN

Um projecto comunicacional com 15 anos de existência que serve para enfrentar o discurso dos poderosos

Correio: resumenlat@yahoo.com.ar
Telefono: 530262156

BABERNA

O JOURNAL

Praza do Toural - TEIXO

bar

faluya

Orzán 75,
A Coruña

CAMPING GAIVOTA

Acampamento Turístico

Praia de Barreiros
BARREIROS (Lugo)
982 124 451

www.campingpoblodogaivota.com



Ajudas para combater a sida ficam em metade

NGZ / O Governo galego acaba de cortar neste ano metade das ajudas para retrovirais e medicamentos que até agora se facilitavam às pessoas doentes de sida, segundo declaram fontes da Saúde. Como consequência disto, pode ser que doentes criem resistência à medicina (se están varios días sem a tomar), o que significaría que teriam de comecar outra vez o tratamento todo. Existe, além disso, risco de as defesas do organismo enfraquece-

rem, o que pode levar a graves enfermidades. Todo isto acontece depois de que no mês de dezembro o Comité Anti-Sida de Ourense denunciase publicamente que a Junta reduziu em metade as ajudas do Plano Galego contra a Sida (que se juntam ao cortes do governo espanhol). Segundo o Comité estes cortes podem favorecer a propagação da doença, "já que cada vez mais pessoas recorrem a actividades ilegais para sobreviver".

Doentes da Marinha percorrem centos de quilómetros para a quimioterapia

NGZ / Vários profissionais do Hospital da Costa de Burela (A Marinha), denunciáron a necessidade da abertura de umha unidade oncológica própria, já que até o momento perto de 90 pessoas da comarca som enviadas aos serviços dos hospitais de Lugo ou da Corunha. Estas pessoas som potenciais destinatários de tratamentos de quimioterapia e radioterapia, os quais tenhem sérios efeitos secundários. No caso de que o diagnóstico de cancro seja con-

firmado, a estes pacientes aguarda-os a peregrinação, por vezes semanal, para seguirem o tratamento: 90 ou 120 minutos de ida, aguardando muitas das vezes, por outros pacientes; e 90 ou 120 minutos de volta, com as complicações que causa a medicação, como náuseas, vómitos e mal-estar geral.

Segundo profissionais do centro burelao, uns 130 marinhaos e marinhás devem submeter-se cada ano a este tratamento.



HOSPITAL GERAL DE VIGO

CENTRO DE ALTA RESOLUÇÃO DO MORRAÇO EM PERIGO

Conselharia de Sanidade assumirá o 40% do gasto do Hospital de Vigo

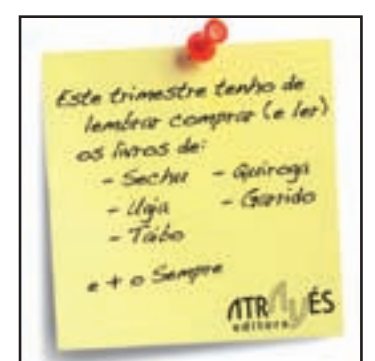
NGZ / A conselheira de Sanidade, Rocío Mosquera vem de anunciar que já se topou umha solução ao financiamento do novo Hospital de Vigo e que em breve continuarán as suas obras. Segundo a conselheira, um 40% do financiamento já nom vai correr a cargo da empresa concessionaria, senom que vai-no garantir a Junta através do Banco Europeu de Investimentos e do Instituto de Crédito Oficial. Para a Associação Galega em Defesa da Sanidade Pública, "isto supom que a obra computará como dívida pública, negando um dos argumentos da Junta que insistia

que ia ser com financiamento privado". Remarcam ademais, que a isto há que adicionar os 70 milhões de cânon anuais que há que pagar às empresas concessionárias, no mínimo durante os vindouros 20 anos.

Periga a continuidade do Centro de Alta Resolución do Morraço

Desde a mesma organização também denunciam que nos orçamentos para este 2013, nom há nenhuma verba para o CAR do Morraço. Segundo a Plataforma em Defesa da Sanidade Pública, este feito amossa mais umha vez os benefícios que repercutirán em Povisa, já que a população

vai ter que ir ao Hospital de Vigo, com os custos e tempo de movimento que isto significa. A vizinhança da comarca, também defende o CAR do Morraço, já que "tem pleno sentido o seu funcionamento como hospital sem camas, para que os pacientes podam realizar todas as provas no mesmo dia sem necessidade de movimento". Ademais, asseguram que o Centro de Alta Resolución é umha necessidade numha comarca que padece a discriminação de estar na Área Sanitária de Vigo e "nom ter um hospital público de referência, mais as listas de espera intermináveis e a deficiente gestom de Povisa".





CONTINUA A BATALHA SOCIAL E JUDICIAL CONTRA A MINA DE CORCOESTO

Emitem declaração de impacto ambiental à medida da multinacional

NGZ / A plataforma pola Defesa de Corcoesto qualificou de “chapa” a Declaração de Impacto Ambiental (DIA) que a Conselheira de Meio Ambiente aprovou para o projecto mineiro de extração de ouro que Edgewater Exploration Ltd tem em Corcoesto. Segundo expom a Plataforma numha nota de imprensa, a DIA assume o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) apresentado pola empresa e, ainda que reconhece a existência de habitats protegidos no âmbito da exploração mineira, nom se estabelecem para estas nenhum tipo de proteção especial. Por outra banda, denuncia-se que no EIA de Edgewater nom se catalogaram muitas das espécies animais especialmente protegidas e que tampouco existe um estudo do impacto socioeconómico que a atividade mineira provocará na zona. A Plataforma denuncia que toda a tramitação do projeto estivo cheia de erros e incorreções. A associação ecologista ADEGA alertou também sobre umha fraudulenta ca-

raterização dos refugalhos, que fôrom considerados pola DIA como “nom perigosos”, quando contariam com milhares de toneladas de arsénico ou cianeto.

Para alem disto, a Sociedade Galega de História Natural fijo público um informe do Instituto de Investigações Marinhas e da

Universidade de Vigo em que se assinala que a exploração mineira vai agravar a atual contaminação por arsénico das águas do rio Anlhons, podendo contaminar o seu esteiro até níveis inaceitáveis para a saúde humana e a conservação do ecossistema ambiental.

Estado decidirá sobre a permanência de Ence

O Partido Popular deu mais um passo para permitir que a concessão da fábrica da empresa papeleira ENCE continue na Ria de Pontevedra até 75 anos mais do previsto. O projeto de Lei de Costas contará com umha emenda do partido que ocupa o governo do Reino de Espanha, esta resta-lhe poder de decisão às autonomias e outorga-lho à Administração do Estado que, deste modo, tem a última palavra sobre as prorrogações das grandes indústrias que se atopam no litoral. Desta forma, seria labor da comunidade autónoma elaborar um informe ambiental, mas o Estado poderia desestimá-lo alegando “motivos de interesse geral”. A Associação pola Defesa da Ria de Pontevedra, que leva mais de 20 anos a lutar contra a situação do complexo Ence-Elnosa em Lourizán, assinala que fica clara qual é a postura do PP no tocante ao futuro da Celusosa, cuja concessão se esgotaria no ano 2018.

Levam para geriátricos pacientes afetados por doenças psiquiátricas

NGZ / Aproveitando a lei Geral de Sanidade, de 1986, a Junta tenciona ocupar as camas que estão a ficar vazias nos geriátricos, por mor do seu alto preço, as mais das vezes, para serem ocupadas por pessoas usuárias de centros psiquiátricos de longa estância, quer dizer, por gente que leva nestes centros décadas. Neste processo, segundo conta o diário madrilenho *El País* na sua seção para Galiza, a intenção é “externalizar” 145 pessoas do Centro de Conjo, em Compostela.

Antes, em 2011, uns 26 anos após a aprovação desta lei, que inaugurava o processo de inserção social das pessoas usuárias de centros psiquiátricos, prevendo o progressivo desmantelamento dos centros, a Junta fechava os psiquiátricos de Toém e Castro. As pessoas que naquela altura nom puderom voltar para as suas casas, a andares tutelados, a umha pensom ou a umha residência de pessoas maiores, fôrom ingressados nas unidades de agudos criadas nos hospitais de Pinhor, para as pessoas de Toém; e de Calde, para os usuários de Castro. Proximamente, o processo será repetido no centro de Rebulhom, em Vigo, onde ainda ficam meio centenar de pessoas internas, cujo



translado está à espera, segundo a Junta, da abertura de um terceiro complexo de saúde público. Quando isto acontecer, só ficará o psiquiátrico de Conjo aberto, mas reduzido apenas à parte residencial. Já durante o ano 2012, abandonárom o centro um centenar de pessoas, e há quase outro meio cento aguardando por umha vaga em residências ou centros de pessoas maiores. Esta “externalização” individualizada, tem em conta a capacidade económica de cada pessoa, quer dizer, a sua pensom ou a existência de aforros com que, em teoria, deveria pagar a sua vaga no centro ao que for trasladado.

Junta paga mais por subcontratas

NGZ / O Governo galego anunciou no dia 12 de dezembro que adjudicava um contrato de portaria para a Augas de Galicia à empresa Iman Corporation por 63.000 euros. Nas cláusulas técnicas da contratação, a Junta especifica que precisará de duas pessoas para trabalhar nos escritórios da empresa em Compostela por umha prorrogação de 15 meses. Segundo a CIG-Administração, se esta

mesma contratação fosse feita com pessoal próprio (categoria de ordenança laboral numero 5), o custo dos serviços seria de 45.000 euros. Como a CIG di “se isto acontece num contrato de portaria, o que nom acontecerá em privatizações mais avultadas?”. O sindicato nacionalista denuncia estes contratos beneficiam os empresários à custa de piorar o serviço e as condições de trabalho do pessoal.



Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela

Nome e Apelidos Tel.
 Endereço C.P.
 Localidade E.mail
 NºConta
 Junto cheque polo importe à ordem de Minho Média S.L.

- Subscrição + livro = 35 €
- Subscrição anual = 24 €
- Subscrição + pack bilharda = 30 €
- Subscrição + duplo pack bilharda = 35 €
- Assinante Colaborador/a = €

ASSINATURA

MAR



O setor marisqueiro afronta o seu mês de janeiro mais difícil

Mortandade e escasseza de bivalves, sumado à crise, põem contra as cordas um setor que na Galiza emprega a mais de 10.000 trabalhadores.

A. DIESTE / O setor do marisqueiro na Galiza é um pilar sem o qual nom pode entender-se a economia de grande parte das vilas costeiras do país. Som 3.970 empregos na modalidade de a pe (em mais de um 95%, ocupados por mulheres) e há 2.585 embarcações, mais da metade da flota pesqueira galega, que tenhen pemex, permiso de exploraçom, para mariscar a flote. Estamos a falar, logo, por volta duns 10.000 empregos diretos. Cifra à que há que somar os indiretos e inducidos, desde factorias conservadoras ate fabricantes de aparelhos para a tarefa.

Um setor tam fulcral está a enfrentar o pior início de ano desde há décadas, como reconhecen profissionais e agrupaçoms do setor. Un cenário que vêm somar-se a um 2012 em que os dados de facturaçom e ingressos já mostram as dificuldades deste setor.

A campanha de livre marisqueio poderia pechar em zonas como Os Lombos do Ulha (na Ria de Arousa e onde cada campanha faenam ate 500 embarcaçoms ao dia) quatro meses antes do previsto. Os motivos: a mortandade de marisco, sobre todo berberecho por mor de riadas e umha praga, e a escasseza de outras espécies.

“Isto nom é de um dia para outro. Há responsabilidades claras da situaçom, tanto no que atinge a desleixo na luta contra a con-

Em 2012 os dados económicos mostram dificuldades no setor

Denunciam que a Junta desatendeu a gestom marisqueira

taminaçom das águas ate na falha por parte da Junta de umha mínima planificaçom do marisqueio. Apostárom polo simples, mentres colhades, todo bem, sem a mínima preocupaçom polo futuro”. Quem assi fala é um ranheiro da Ria de Arousa, com anos de experiéncia às costas.

Da mesma opiniom som patróns maiores e agrupaçoms sectoriais: “Imos ter que pechar quatro meses antes a campanha porque nom há marisco. Os preços vam polo chao. E os milheiros de pessoas que trabalhamos nisto, que fazemos? Imos a outras artes? Sim, mas entom haverá sobreexploraçom das mesmas, como o bou de vara”.

Entre os pósitos mais críticos com a gestom da Conselheria do Mar com o livre marisqueio está a de Pooa do Caramiñal. O seu responsável, Manuel Maneiro, tem denunciado que a Junta se desentendia da necesária planificaçom e profesionalidade na gestom dos bancos marisqueiros, por interesses de pósitos amigos. Maneiro critica que por mor dessa postura da administraçom, “o marisqueio non estea, e mais en época de crise, sendo um motor de emprego e ingressos na costa galega”.

AGRO

A UE atualizará na nova Política Agrária Comum a política referente aos OGM



DIZEM QUE O MOVIMENTO ANTITRANSGÉNICOS MORREU

Reconhecido ambientalista deixa luta anti-OGM para dizer que som a soluçom ao efeito estufa

Cada certo tempo ressurgue o debate acerca do emprego de transgénicos na agricultura, quase sempre promovido por interesses comerciais, grupos de lobbies, mas também por académicos com relevância mediática. Desta vez foi Mark Lynas, divulgador científico britânico, que fijo umha fervente defesa dos OGM na conferéncia anual de agricultura realizada em Oxford a começos de Janeiro.

P.V. / Dentro de poucos meses deve ficar pronta a nova Política Agrária Comum que traçará as linhas mestras da agricultura até o ano 2012 para os estados membros da UE. Quanto aos transgénicos, todo indica que continuarám a imperar as mesmas regras que já se venhem empregando na PAC atual; moratórias cada vez mais laxas com cada nova proposta da indústria para regular organismos, e autorizaçom de ensaios com novas modalidades transgénicas. Umha fonte próxima ao NOVAS que participou numha reuniom de contato com altos funcionários das intituiçoms europeias para comunicar propostas desde a Galiza para incluir na nova PAC, entre elas a proibicoom total das culturas transgénicas no novo quadro legislativo, afirma que a resposta dos funcionários foi rotunda, “é completamente impossível considerar essa opçom”.

Neste contexto dilatado de negociaçoms aparecem as pressons

Lynas tira toda racionalidade ao discurso dos anti-OGM

mediáticas na defesa dos transgénicos. Os grupos de lobbies nom poupam esforços para conseguir o que querem com multitudom de argumentos.

O fim do movimento anti-OGM O argumento central dos grupos pró-OGM é que o movimento anti-OGM nom tem qualquer fundamento científico que o sustente como postura política ambientalista e contrária aos transgénicos. Assim, em 3 de janeiro, o conhecido ambientalista e divulgador científico britânico Mark Lynas intevéu na Conferéncia Anual de Agricultura de Oxford, começando por dizer: “Antes de mais, quero pedir desculpas; desculpas por ter estado durante muitos anos arrancando campos de culturas transgénicas, por ter ajudado a começar o movimento anti-OGM e assim demonizar umha importante opçom tecnológica que pode ser empregada em beneficio do ambiente”.

Na conferéncia, Lynas analisa os argumentos em contra dos transgénicos e tenta refutá-los, porém sem citar estudos concretos. Pede também que o Estado intervenha para ‘liberalizar’ as patentes de sementes transgêni-

cas e assim estender a grande escala a agricultura OGM.

Na sequéncia destas declaraçoms o debate dos transgénicos voltou ao primeiro plano, porém desvalorizado polos pró-OGM. Lynas pretende tirar toda racionalidade ao discurso dos anti-OGM para assim mostrar que a posição do movimento antitransgénico é apenas uma questão de crenças crenças e já nom paga a pena voltar a considerar mais os mesmos argumentos acientíficos.

Umha luta para decidir

Apesar deste embate mediático, os argumentos do movimento contra os transgénicos continuam plenamente vigentes, assentando na maioria dos casos também na ciência. Por exemplo, um estudo recente do Departamento de Obstetrícia e Ginecologia da Universidade de Sherbrooke no Quebeque mostra a deteccom da Toxina Bt, empregada em transgénicos, em 93% das mulheres grávidas no total da amostragem. E ainda, outro estudo, do King's College School of Medicine de Londres, mostra que as plantas transgénicas quase nada tenhem contribuído para minorar o emprego de nitrogénio ou outras emendas que contribuem para o efeito estufa.

Neste começo de ano, um debate fundamental para a agricultura volta a cena pública, e mais vivo que nunca, ao contrario do que afirmam os defensores da bio-tecnologia e dos transgénicos.

ECONOMIA



Incerteza sobre os contratos com a Pemex para a construção de floteis

A.L.R. / Os tam anunciados contratos com a multinacional Pemex para construir dous floteis nas intalações da Navantia e da Barreras que durante a campanha eleitoral o atual presidente da Junta apregoou como um grande êxito voltam à atualidade mediática e política devido à incerteza sobre a sua execução. Segundo informaçõs aparecidas no digital *Praza Pública*, desvendou-se recentemente que foi umha filial da empresa mexicana, PMI Norteamérica SA, que reali-

zou os contratos com a Junta acordando manter em “estrita confidencialidade” para nom pôr em risco a estratégia da filial para se assegurar a sua contratação no concurso que se realizará nos próximos meses. Ou seja, tocara-lhe ao conselho da Pemex Exploraçom e Produçom decidir se opta por estes navios, num processo em que os dous floteis encarregados na Galiza concorrem com outros projetos. Segundo informaçõs que aparecerom nos meios empresariais já

no passado mês de setembro, se nom fossem aceites pola petroleira mexicana estes poderiam ser arrendados no mercado. Deste modo, a “estrita confidencialidade” de que se fala no acordo poderia estar relacionado com o concurso na Pemex e a possível concorrência que PMI NASA teria que defrontar. Alguns dos partidos da oposição parlamentar, como o PSdeG ou o BNG, criticárom a opacidade e o espectáculo oferecido na campanha eleitoral com estes contratos.

Imprensa internacional di que o Fundo da Segurança Social está investido em dívida espanhola

A.L.R. / O jornal estado-unidense *The Wall Street Journal* assegura que o Estado espanhol empregou o Fundo de Reserva da Segurança Social para investir em dívida soberana. Segundo esta publicação, o Executivo espanhol teria empregado esta reserva como compradora em última instância dos bonos do governo, sendo esta umha operação que pom em risco o funcionamento deste fundo como garante das pensons. As-

sim, teria-se investido polo menos 90% do fundo de 65.000 milhões de euros para investir numha dívida espanhola com altos riscos.

O Fundo de Reserva da Segurança Social está destinado a garantir a cobertura de prestações contributivas em épocas de crise económica. A maior parte deste fundo está investida em dívida pública, embora no ordenamento jurídico do Fundo se estabeleça que apenas se poderia investir em ele-

mentos “de alta qualidade creditícia e alto nível de liquidez”. Quer dizer, já o próprio Fundo nasceu para mover-se nos lamacentos circuitos financeiros. Por outra banda, segundo indicam os meios espanhóis, nos meses de setembro e dezembro, o Governo espanhol tivo que colher em ambas as ocasiões algo mais de 3.000 milhões de euros do Fundo de Reserva para diversas despesas relacionadas com a Segurança Social.

OBRIGAM A FECHAR SUCURSAIS

Intensificam-se os protestos sobre as preferenciais

A.L.R. / Nas últimas semanas, as pessoas burladas com as preferenciais tenhem intensificado os seus protestos. A ocupaçom de sucursais bancárias, para forçarem as entidades a negociar e a que lhes devolvam do dinheiro, é umha das açõs mais praticadas. Assim está a ser na Costa da Morte (em Carvalho), na cidade da Corunha, em Compostela ou em muitas comarcas de Vigo, onde desde há vários meses e quase há concentrações e protestos quase diários. Durante os protestos, as sucursais ficam praticamente paradas e já há trabalhadores que come-

cem a notar o desgaste. As reivindicações estão a medrar, justo quando as pessoas afetadas estão a ver que mui provavelmente vam perder boa parte dos seus aforros. Assim o anunciou a Comissom Europeia, que pediu como condição para a ajuda bancária as quatro entidades nacionalizadas (entre as quais NovaGalicia Banco) que penalizem com perdas aos titulares de dívida subordinada e participaçõs preferenciais. Neste sentido o Banco de Espanha estimou que as perdas para os clientes de NovaGalicia Banco, serão dentre 30% e 70%.

Empresários querem pagar à juventude o salário mínimo

A.L.R. / A patronal dos empresários espanhóis continua a propor publicamente um aprofundamento nas políticas neo-liberais com a finalidade de precarizar cada vez mais o mercado de trabalho. Tanto a CEOE como a CEPYME (a patronal das pequenas e médias empresas) querem criar um novo contrato para a juventude que teria como referência o salário mínimo

inter-profissional, que na atualidade é de 645,30 euros mensais.

Esta nova proposta, se for levada à prática, irá agravar a exploraçom laboral sobre um dos setores que mais está a padecer as dificuldades da crise económica: metade dos jovens menores de 25 anos nom tem trabalho na Galiza (dados do INE) e muitos jovens estão a emigrar ou voltam à casa dos pais.

O ano 2012 deixa 20.000 novas pessoas no desemprego

A.L.R. / Em finais de 2012 havia no nosso país 278.787 pessoas desempregadas, mais 2.251 relativamente ao mês de novembro. Estes dados indicam a Galiza é a Comunidade Autónoma onde mais subiu o desemprego em dezembro, que na média estatal desceu. A taxa de desemprego cresceu quase em 8% em 2012 e outras 20.553 pessoas vi-

nhérom juntar-se ao exército de desempregados. Um incremento alarmante para a CIG, que denuncia também que nos orçamentos da Junta para 2013 nom se articulam medidas de apoio aos setores produtivos que ajudem a umha recuperação económica, o que certamente que nom contribuirá para melhorar as cousas.

A TERRA TREME

O Zapatismo volta lançar umha mensagem ao governo mexicano polo reconhecemento dos seus direitos

ESTÁM DISPOSTOS A CONTINUAR COM A AGENDA INSURGENTE, REJEITANDO OS INTENTOS DE SILENCIAMENTO

EZLN volta sair à rua 19 anos depois do levantamento inicial

DANIEL R. CAO / Nos dias finais do já passado 2012, o EZLN voltou tomar as ruas de Chiapas em protesta pola desatenção às suas demandas por parte do recentemente escolhido governo de Enrique Peña Nieto. Milhares de indígenas zapatistas vestidos com os seus tradicionais passa-montanhas, marcháron e tomáron de forma pacífica e silenciosa as cinco principais cidades de Chiapas, numha demonstração de que o movimento zapatista “está mais vivo que nunca”. A data escolhida tem um claro significado, a Declaração da Selva Lacandona em que se declarava a guerra ao Estado mexicano foi um 1 de Janeiro, diversas mobilizações silenciosas percorriam as localidades chiapanecas. Mas também aproveitáron os zapatistas o 15 aniversário da matança de Acteal, onde grupos armados assassináron a sangue fria a 45 indígenas, e a nova era marcada polo calendário maia. No fim do ato a voz do subcomandante Marcos assegurava: “Ouvem? É o som do seu mundo que se derruba, e o do nosso que ressurge. O dia que foi dia era noite, e noite sera o dia, no que será o dia”. Nos dias seguintes à reparação do subcomandante houve umha oleada de críticas por parte de vários setores da direita mexicana, mesmo chegáron a diagnosticar-lhe um cancro. Marcos respondeu-lhes com as suas missivas carregadas de humor. Finalmente numha carta do 31 de dezembro e para comemorar os 19 anos do levantamento de 1994, o subcomandante assegurava que “nestes anos fortalecemo-nos e melhoramos significativamente as nossas condições de vida. O nosso nível de vida é superior ao das comunidades indíge-

nas afins ao governo, que recebem esmolas e som seduzidos com álcool e artigos inúteis”. Acabava lembrando que “se o PRI nunca marchou, nós muito menos”.

Reestruturação das comunidades
Nos seus comunicados advertem estarem dispostos a continuar com a sua agenda insurgente, rejeitando os intentos de negação e silenciamento levados a cabo polos diferentes aparelhos dos Estados, do próprio exército aos meios de comunicação do país, que nos últimos tempos referíron diversas novas em relação à suposta desapareção dos zapatistas. De aí que umha das palavras força nos seus comunicados seja “nós nunca nos fomos”. Isto é devido, segundo meios próximos aos indígenas, a um processo de reestruturação das comunidades pois, nom se pode esquecer, os ataques a estas som contínuos.

A volta à agenda original do EZLN, deve-se à rutura dos chamados Acordos de San Andrés, assinados polo ex-presidente Ernesto Zedillo, neles comprometia-se ao reconhecimento constitucional dos direitos e da cultura indígenas, acordos que agora fôrom rotos por Peña Nieto. O fato de tornarem as mobilizações também é devido às promessas realizadas por parte do PRI, partido que ostenta o governo e do qual formam parte tanto Zedillo como Peña Nieto, em que afirmavam que esses direitos seriam restaurados com a sua volta ao governo. Precisamente é um facto como este o que provoca que os comunicados do EZLN procurem recordar de novo aos políticos mexicanos as promessas que fôrom realizadas, mas deixando claro que nom procuram alianças com nenhum deles.



.....
Tenhem denunciado perseguições e encarceramentos
.....

.....
Os paramilitares chegáron a disparar para ficar com terras
.....

Aliás, umha das chamadas ao povo mexicano e aos movimentos sociais de dito país, consiste no relato dos ataques cometidos por Peña Nieto nas suas anteriores responsabilidades. Principalmente duas que som ressaltadas como as mais graves. A primeira, que tinha outorgado responsabilidades a Wilfrido Robledo Madrid, que no

seu dia fora o encarregado da toma policial de San Salvador Atenco, e que é tristemente recordado pola ordem dada aos polícias, e cumprida, de que durante a toma se levassem a cabo violações seletivas a mulheres indígenas. E, a segunda, a polémica detenção de Ignacio del Valle no mês de maio do ano 2006. Del Valle era um destacado dirigente do Frente de Pueblos en Defensa de la Tierra.

Repressom continuada

No ultimo ano a Junta do Bôm governo (as assembleias a partir das quais som organizadas as bases do EZLN) tem denunciado insistentemente a perseguição e encarceramento de vários dos seus membros por parte do governo. Assim denunciam que na zona do norte de Chiapas os paramilitares e a segurança pública do estado,

tenhem levado umha campanha de roubos, deslocamentos, intimidações e despejos das suas comunidades e terras ancestrais de forma continuada. Especialmente na comunidade de Unión Hidalgo, onde os paramilitares chegáron inclusive a disparar e atemorizar as habitantes para poder ficar com as terras cultivadas com milho. Noutra comunidade zapatista, as denúncias venhem dos destroços de umha loja de artesanía e mais da construção de umha ponte para comunicar várias fincas de terratenentes numha zona onde há restos de tumbas maias.

O futuro

A nova legislatura apresenta-se caldeada no Estado de Chiapas, dado que a insurgência promete continuar as suas mobilizações, mas desta vez acrescenta um novo objetivo, vislumbrado também através dos seus comunicados, a açom sobre as instituições. Deste modo, chama aos governos locais do Estado chiapaneco a disponibilizar os seus recursos para a gestom coletiva, para assim alcançar maiores taxas de bem-estar para os seus administrados e, sobretudo, maior justiça social.

O que já pode ser afirmado é que os zapatistas continuam adiante com a sua particular forma de fazer política, já seja a través da sua retórica, oscilando sempre entre o poético e o discurso revolucionário mais contundente, ou no seu modo de encenar o conflito, já que na sua “reparação” tomáron a decisom de organizar marchas massivas polas principais cidades do Estado de forma silenciosa e portando passa-montanhas a maior parte dos assistentes.

Murguía, Revista Galega de Historia cumprirá, en breve, unha década de andaina. Son centos de asinantes, lectoras e lectores as que teñen como referencia Murguía, de cara a descuberta da Historia da Galiza.

Investigacións, documentos, lecturas, entrevistas... Un rico contido, volume tras volume, é o patrimonio que xera e divulga Murguía, Revista Galega de Historia. No último número presentase un texto inédito de José María Álvarez Blázquez, senillas lembranzas a Francisco F. Del Riego, un documento central arredor da figura de Prisciliano, así como unha entrevista a historiadora Ana Cabana e unha ampla reflexión sobre a memoria histórica e a represión franquista na Galiza, entre outros textos.

Nome Apelidos

Enderezo

Localidade CP Teléfono

Solicito: Subscripción Máis Información

Enviar a Murguía, Revista Galega de Historia: Apartado de Correos 158 : 15.703 Compostela
ou secretaria@murguia.com

Subscríbete! | www.revistamurguia.com

ALÉM MINHO

“Devemos olhar para a Europa e ver que isso deu errado: o capitalismo falhou”

CHICO CÉSAR, ORIGINÁRIO DO BRASIL, É O AUTOR DA POPULAR CANÇÃO 'MAMÁ ÁFRICA' E AMIGO DA GALIZA

“A Espanha é umha abstração autoritária e sinto-me muito próximo dos galegos”

E. MARAGOTO / Chico César define-se como artista militante e a sensibilidade político-social dele emerge em cada conversa, em cada canção. É natural, ele nom nasceu rico, como a maior parte dos artistas brasileiros que conhecemos, e só com oito anos já conseguiu o primeiro emprego num dos estados mais pequenos do Brasil, a Paraíba, ainda que já se saiba que quem di pequeno no Brasil quer dizer de tamanho médio deste lado do Atlântico: ocupa tanto como duas Galizas. O seu êxito internacional chegou pola mão de temas que logo se tornáram verdadeiros hinos afroamericanos como ‘Mama África’ ou ‘Respeitem meus cabelos, brancos’. Na nossa terra, umha música composta por ele (‘Pensar em você’) tem soado mais na voz de Daniela Mercury ou de Uxía Senlle, com quem o Chico vinhera pola primeira vez à Galiza na edição inaugural de Cantos na Maré. A este festival voltou agora para comemorar o décimo aniversário do encontro lusófono. Desta vez compartilhou cartaz com o portuense Rui Veloso, o moçambicano Cheny Wa Gune e a galega



ga Sés, mas estivo acompanhado por muitos outros músicos em Ponte Vedra: Dani Black (Brasil), Paulo Borges (Açores), Berg (Portugal), Sérgio Tannus (Brasil) ou a própria Uxía Senlle. Nós fomos buscá-lo à Casa das Crechas, onde já é tradicional que uns dias antes da festa se faga um encontro de artistas lusófonos. Falou-nos nom apenas como músico, também como político brasileiro, pois agora detém um cargo cultural no seu estado natal.

Como vias a Galiza primeiro e como vês agora que sabes dela? Ao conhecer um lugar da Espanha

que nom falava espanhol, que falava português, fiquei muito curioso e quando cheguei entendim: eles nom som espanhóis, som galegos. Tenhem umha língua: dançam nessa língua, cantam nessa língua, vivem nessa língua. Confirmou para mim que a Espanha é umha abstração autoritária e sentim-me mui próximo dos galegos, porque a língua que falam é umha língua muito próxima da língua que falam os velhos do interior falam, que meu pai fala: é umha língua que troca o jota pelo xis, por exemplo.

Para um artista com sensibilidade político-social como tu, a que continente achas que é preciso

estarmos mais atentos?

É importante estarmos atentos à Europa. Admitirmos que o capitalismo faliu, o capitalismo resultou mal, nom pode produzir tantas coisas inúteis para tanta gente útil. As pessoas precisam de coisas para o dia-a-dia e o capitalismo produz mercadorias e mais mercadorias. Os trabalhadores nom possuem tanto como para comprar tanto produto e tu nom podes comprar todos os anos um automóvel, umha máquina de lavar, uns sapatos; nós nom precisamos disso. Precisamos de comer, amar, dormir e isso nom é o capitalismo; o capitalismo é só consumir. Entom, nós devemos olhar para a Europa e ver que isso deu errado: o capitalismo falhou.

Entre a socialdemocracia europeia, a evolução do Brasil goza de grande admiração. Tu achas que se está a tornar um país mais justo desde o governo de Lula?

Um pouco, mas precisa muito mais. Porém, os movimentos sociais nom podem entregar o seu destino a governos. Devem apenas formatar cousas que já nom estão na rua, que já nom dá para serem seguradas por mais tempo. Os movimentos sociais existem para conquistar novas cousas. O Brasil ain-

da nom fijo umha reforma agrária decente: muitos camponeses brasileiros vivem sem terra.

Antes comentaste-nos que o Brasil é um país muito autossuficiente musicalmente. Achas que a Lusofonia em geral e a Galiza em particular tenhem cabimento nesse continente musical?

Os ícones da música brasileira, Chico Buarque, Gilberto Gil... devem levar a Lusofonia para o Brasil. Eles podem dizer: “a Lusofonia é importante”, nom apenas como umha referência a um pouco de Cesárea Évora, um pouco de... Como se chama esta cantora de fado portuguesa?

Amália Rodrigues.

... um pouco de Amália. Nom! É importante levar Cabo Verde e também a Guiné Bissau, mas nom só como umha idealização, senom como algo concreto.

O que representa para ti a Cantos na Maré no âmbito da Lusofonia? Cantos na Maré é a Lusofonia tornada realidade: Moçambique, Cheny Wa Gune, Angola, Portugal, Rui Veloso, a Galiza, Uxía, é a realidade do que se canta lusofonicamente no mundo, e isso interessa-me muito.

POVOS

Vivêrom em liberdade até os anos 20 do século passado quando os poderes exteriores começam a penetrar no seu território

Saramaccas e afrodescendentes na América

JOSÉ ANTON 'MUROS' / O Povo Samaracca é um descendente direto dos antigos escravos cimarrões da zona fronteiriça entre o Suriname e a Guiane que no século XVII-XVIII escapáram cara o interior do mato deixando as plantações em fugas e grandes rebeliões coletivas. A sua conformação fijo-se na luta contra os seus antigos amos integrando-se e simbiotizando-se à nova terra, criando com a integração nela e a sua herança de múltiplos povos da África, a sua própria cultura, a qual se mimetizava com os rios e com o denso mato tropical e lhes permitiu livrar contra o

poder colonial da coroa holandesa umha guerra de liberação durante uns 100 anos. Este conflito rematou no ano 1762, ano em que os Países Baixos assinam um tratado com os chefes do povo saramacca onde se lhes reconhece a sua liberdade e competência “nos seus próprios assuntos”; um século antes da libertação dos escravos da colónia, este povo foi conquistado.

Os saramaccas, com umha população atual dumhas 180.000 pessoas, vivêrom em liberdade até os anos 20 do século passado quando os poderes exteriores começam a penetrar no seu território.

Este período até os anos 80 nom foi com todo o mais duro da sua história. Nos 80 depois da independência do Suriname, (ex-colónia) o governo golpista-militar cobiçava as terras e os minerais do povo saramacca, rejeitava o seu autogoverno, a propriedade comunal da terra para além do trabalho em mao-comum. Durante dez anos com milhares de refugiados e com a entrada da exploração mineira, tráfico de drogas, jogo... aos samaraccas nom lhes quedou mais remédio que tomar as armas novamente. Nom foi até depois da entrada do governo democrático quando começou a

cambiar a situação: os líderes do povo saramacca apelárom à Comissão Interamericana de Direitos Humanos reclamando justiça para governarem a terra, isto foi a meados da década dos 90. A Corte Interamericana de Direitos Humanos emite no 2007 umha sentença que lhe outorga nom só direitos coletivos sobre a terra dos seus antepassados e antepassadas para além da exploração dos recursos naturais (rios, madeira, terra, minerais...), senom que também blinda o seu sistema comunitário. Esta histórica sentença foi um precedente para todos os povos cimarrões e indíge-

nas das Américas.

Estas povoações afortunadas pese às dificuldades permittem-nos mostrar-lhe ao mundo umha herança orgulhosa de comunidade: Haiti, primeira república de escravos libertos (1804) do mundo contra o poder francês; nas restantes Caraibas onde comunidades pretas e misturadas ressaltam sua herança africana, os seus idiomas crioulos. Num Brasil onde fôrom reconhecidos até o de agora mais de 2.000 quilômbos herdeiros das comunidades africanas originárias com propriedade comunal da terra e do trabalho e serviços coletivos.

A DENÚNCIA

Vidal-Pardo é apoderado solidário da sucursal imobiliária de Bankia

O Secretário Geral do Meio Rural ostenta dez cargos de vogal em vários conselhos

A LEI DE INCOMPATIBILIDADES SÓ PERMITE A PERTENÇA A DOUS ÓRGÃOS DESTE TIPO

XAVI MIQUEL / O artigo 4.d da Lei de incompatibilidades dos altos cargos da Junta explicita que as compatibilidades com atividades públicas som a representação nos conselhos de organismos ou empresas com capital público e de entidades de direito público, cum máximo de pertencer a dous conselhos. Cum baleiro legal que representa a estas compatibilidades, o Secretário Geral de Meio Rural, Francisco José Vidal Pardo y Pardo tem, polo menos, dez cargos em diferentes conselhos de administração de empresas públicas e mesmo nalguma imobiliária como Bankia Habitat.

Vidal Pardo foi nomeado Secretario Geral da Conselheria do Mar o 23 de abril de 2009 com a entrada do novo governo na Junta de Feijoo e no 2012, com a reestruturação do governo, mudava para ser Secretario Geral Técnico da Conselheria do Medio Rural. Cedo, começaram-lhe caer vários cargos como vogal em varios conselhos de administração, tais como na Sociedade Pública de Administracions de Galiza, a Comissom Superior de Urbanismo, a Autoridade Portuaria da Corunha, Portos de Galiza, o Instituto Tecnológico para o Control do Meio Marinho (INTECMAR), o Fondo Galego de Garantia Agrária, a Agencia para a Modernización Tecnológica da Galiza (AMTEGA). Também esta dentro do Patronato Fundación Semana Verde e realiza atos como ponente. Ademais, segundo o registo mercantil, é apoderado solidário de Bankia Habitat (a sucursal imobiliária do banco resgatado) e entre 2009 e 2011 foi também apoderado solidário de 'CISA, cartera de inmuebles SL, a carteira imobiliária do antigo banco unido a Bankia, Bancaja. Assim as cousas, embora a lei de incompatibilidades é ambígua neste campo, Vidal Pardo tem polo menos dez postos na administração de entidades públicas e é umha pessoa que leva a polémica detras dende a sua entrada como jurista na Junta em 2004.

Punta Caiom

Um dos temas mais controvertidos é o que envolve a ampliação do porto de Caiom (Laracha), va-



FRANCISCO VIDAL-PARDO, no centro da imagem, secretario geral técnico da Conselheria do Meio Rural e do Mar

É notável a entrada de Bankia num grande projeto da Junta como o novo Hospital de Vigo

A controvérsia cresceu com a ampliação do porto de Caiom, que valeu mais de 7 milhons

lorada em mais de 7 milhons de Euros e cumha amplitude de 2,5 quilómetros quadrados que se vai entrar no mar. Em setembro do passado ano, a fiscalia da SEPRONA começou a investigar umha denúncia apresentada pola Associação de Vizinhos Punta da Sen-

reira de Caiom e a Plataforma pola Defensa do Setor Martítimo Pesqueiro da Galiza (Pladesempesga), contra Conselheria de Meio Rural, o Concelho de Laracha e a empresa Portos de Galicia, sobre os riscos meiomambientais da ampliação do porto. Neste sentido a denúncia, que foi considerada por Bruselas e lhe pide ao estado que o investigue, também aponta a Vidal Pardo, como secretario geral da conselheria e como vogal da empresa Portos de Galicia. A parte dos graves efeitos meiomambientais do novo porto (que iria mar adentro e que a segunda fase da ampliação esta parada) também se denunciam onde fôrom a parar os fundos europeios recebidos para a obra ou a revalorização dumha zona adjunta a ampliação que pertence a Con-

Tem sido polémico desde a sua entrada como jurista na Junta

fraria. Ademais também denunciam que o projeto real nunca foi posto a exposição pública e que despois que se pedira, por parte da vizinhança nom houve contestação a traves do silêncio administrativo.

Contratos com bancos

Mais aló da possível incompatibilidade de ser vogal da Comissom Superior de Urbanismo e ter um posto numha entidade bancaria, em boa parte das grandes ofertas destes organismos, as empresas ganhadoras tenhem representa-

Entrou na Conselheria do Meio Rural graças à amizade pessoal com Alfonso Rueda

ção bancária. No caso de Bankia (antigua Bancaja) desembarcou na Galiza coa noticia que ia invertir uns 50 milhons de euros na construção do maior veleiro de tres paos do mundo, que se estaba a construir em Marim a traves da Factoria Naval. Finalmente a inversom foi para a estaleira (e nom para o veleiro) conjuntamente com outras entidades bancarias. Também é notável a entrada de Bankia num dos projetos estrelas da Junta como é o novo Hospital de Vigo, onde na parte financeira a entidade bancaria está integrada dentro do grupo Concessia Cartera. Outros casos som os das concessions da autopista da Costa da Morte ou a de transporte Transmonbus, as duas participadas polo capital de NovaGalicia Banco. Dentro de SPI Galicia umha das grandes beneficiarias das contratações é Taboada y Ramos, empresa de Lalim e moi relacionada coa familia Cuiña. Também cumpre destacar que entre as beneficiarias das contratações da Secretaria Geral, está SIVSA-Soluciones Informáticas, que recebeu 163.000 euros por um contrato de actualización das equipas informáticas das confrarias de pesa. Nesta empresa foi presidenta até março do ano passado, Maria Victoria Vázquez, responsável ademais da carteira industrial de NovaCaixaGalicia, e que tinha um soldo de 538.460 euros ao ano.

José Vidal-Pardo, um homem para todo

Vidal Pardo nasceu no ano 1973 em Lugo, mas a educação universitária fijo-a em Madrid, na católica e elitista Universidade Pontificia Comillas. Licenciado como advogado abriu um despacho em Lugo e pouco despois entrou como funcionario na Junta sendo letrado do gabinete jurídico na Corunha e em Ourense no Serviço Galego de Saúde (SERGAS) e finalmente foi assessor jurídico do Jurado de Expropiación de Galiza. Nos últimos meses, Vidal Pardo saiu a pales-

tra, junto coa sua mulher, Cayetana Castro Rial (que é Directora Geral da Assessoria Jurídica Geral da Junta), já que lhe foi entregado das mans do Hipercor de Marineda City (A Corunha) um carro de produtos basicos com valor de 300 euros, num programa para familias necessitadas. Ademais segum publicou o Xornal de Galicia, a entrada de Vidal Pardo na Conselheria de Medio Rural foi umha aposta pessoal de Alfonso Rueda devido á amizade que desde há tempo mantem Rueda e a es-

posa de Vidal Pardo, Cayetana Castro. No artigo defende-se a politização da assessoria da Junta, entre outros, coa parella já que os dous sacaram a oposição em 2004, sem ter moita experiência jurídica. Vidal Pardo, foi-se fazendo um homem forte de Feijoo, quando com a mudança de governo dijo que o seu anterior jefe, Jose Vicente Alvario, cercano a Touriño, lhe ocultara informaçom à sua esposa sobre o recurso de Pescanova contra a denegação da autorización para a planta de Tourinhám.

Empresa que monopoliza salvamento marítimo por ar ganha mais enquanto precariza o serviço

A INAER, DA FAMÍLIA PROPRIETÁRIA DA PESCANOVA, RETOMA GUARDAS PRESENCIAIS APÓS VÁRIAS MORTES NO MAR

A Junta blindou o monopólio do salvamento marítimo com meios aéreos na Galiza adjudicando-o à Inaer Helicópteros Offshore, pertencente à família proprietária da Pescanova, que gere o serviço desde que foi instituído e que desde há pouco passou a controlar também as brigadas helitransportadas contra incêndios. O PP volta a favorecer empresas 'amigas' para privatizar

serviços em situações vantajosas já que o contrato, que foi engrossado até superar os seis milhões de euros anuais, permitirá à empresa adquirir duas aeronaves por metade do preço. A melhora da concessão coincidiu com cortes no serviço, como a eliminação das guardas presenciais, que foram restituídas após vários acidentes mortais no mar.

M.B. / Nos termos do acordo subscrito pela Junta, em cinco anos, as aeronaves passarão a ser propriedade da firma da família Fernández de Sousa-Faro, que controla mais de 70% do negócio dos helicópteros no Estado espanhol através do grupo Inaer Inversiones Aéreas. Assim, Fernández de Sousa-Faro compra e por um preço de saldo (metade do que custáram) o Pesca 1 e o Pesca 2 com base em Vigo e Celeiro, respectivamente. Deste modo, o País perderá os seus meios aéreos de resgate, já que os dois Helimer operativos pertencem ao Ministério do Fomento espanhol.

A decisão do PP de vender os dois helicópteros modelo Sikorsky S-76 C+ foi mui criticada pela oposição, já que a Junta receberá 13,7 milhões por uns aparelhos que foram adquiridos nos EUA há sete anos por 27 milhões de euros, sendo conselheiro das Pescas Enrique López Veiga e cuja hipoteca com o Banco Santander se saldou em 2010.

Mas o trato preferente para com esta empresa não acaba aqui, pois, com efeito, não se vê afetada pelas sucessivas reduções orçamentais de Feijóo e os fundos destinados a salvamento marítimo com helicópteros aumentaram um milhão e meio de euros anuais. De facto, o custo da concessão elevou-se na última adjudicação em outubro de 2012 até ultrapassar os seis milhões de euros por ano. Com o regresso do PP a Sam Caetano, em 2010, a quantia já montara até cinco milhões, superando os 4,6 do contrato que o bipartido PSOE-BNG herdou do Governo Fraga.

Incumprimento de contrato?

As relações entre a Inaer e o Serviço de Guardacostas de Galicia são tão velhas como a fundação deste serviço dependente da Conselheira das Pescas, em 1995, por iniciativa López Veiga. Desde então, a Helicsa – filial da Inaer – tem recebido mais de 100 milhões de euros por participar na gestão para adquirir aeronaves. Entretanto, este conglomerado empre-



sarial acumula mais de 20 expedientes sancionadores da Aviação Civil e Inspeção do Trabalho, segundo denunciam sindicatos e associações profissionais.

Agora vê melhorado o contrato, após ganhar um concurso público em que foi a única concorrente; coisa estranha, visto tratar-se dumha convocatória de âmbito europeu. A gestão do serviço estatal de salvamento também foi atribuído afinal à Inaer. Afinal e depois de a empresa recorrer aos tribunais, porque no início o Governo espanhol selecionara outra empresa. Aqui, na Galiza, desde que o serviço lhe foi adjudicado, a Helicsa começou logo a recortar. Assim, em plena campanha do Natal, suprimiu as guardas presenciais, que porém teve de restabelecer depois de morrerem várias pessoas no mar.

O caso mais grave foi o afogamento dumha percebeira em Oia, que esteve à mercê das ondas mais de 45 minutos à espera do helicóptero do aeroporto de Peinador, sendo que o tempo de resposta máximo que estipula o contrato público é de 10 minutos. A Junta limitou-se a anunciar que investigará se a empresa incumpriu as condições do acordo, já que quando ocorreu o sinistro tinha sus-

A família Fernández de Sousa-Faro recebeu 100 milhões com a compra de helicópteros

Inaer ganha mais de seis milhões por ano pelos meios aéreos para o salvamento

pendidas as guardas presenciais nas bases e optara por um sistema de guardas localizadas, supostamente após o abandono de vários pilotos para trabalharem no estrangeiro.

Irregularidades no processo

Em 1990, pouco antes de ser nomeado conselheiro das Pescas, López Veiga promove a criação do Serviço de Busca e Salvamento, que mais tarde seria o Serviço de Guardacostas de Galicia. Junto ao seu sucessor no departamento autonómico, Juan Caamaño —, filho de Francisco Caamaño González, coronel do exército franquista que chegou a ser alcalde de Ferrol e vice-presidente da Caixa Galicia e do Celta de Vigo—, re-

crutam o viguês Fernando Novoa, ex-oficial da armada espanhola e piloto de helicópteros de salvamento que trabalha para a Junta como assessor marítimo. Novoa convence Fraga para importar o modelo da sociedade estatal de Salvamento e Segurança Marítima (Sasemar).

As irregularidades marcaram o processo desde o início. Assim, tal como informava o NOVAS DA GALIZA no número 37, os dois primeiros diretores-gerais da Sasemar na Galiza (José Álvarez Álvarez e Emiliano Martín Bauza) chegaram ao cargo depois de serem demitidos do Serviço de Vigilância Aduaneira (SVA) pelas suas relações com contrabandistas e narcotraficantes. O primeiro, recentemente falecido, chegaria a presidir à Sogama.

A gestão do serviço foi desde o começo um suculento negócio para as empresas, como no caso da aquisição de meios aéreos, que se deixou nas mãos da Helicsa. Novoa detém o cargo de conselheiro-delegado e à cabeça da holding está Manuel Fernández de Sousa-Faro, o presidente da Pescanova, com 21% das ações. Mas a família em conjunto é dona de 50% dos títulos através da empresa de material ferroviário Transfe-

Os seus primeiros helicópteros foram antes dados de baixa na Noruega

Desde que obteve a concessão da Junta iniciou uma política continuada de cortes

sa, anteriormente presidida por quem hoje é o máximo responsável da Inaer, Antonio Domínguez Garcés, casado com uma das irmãs Fernández de Sousa.

Contactos com a Casa Real

Fontes empresariais consultadas por esta publicação confirmaram que a empresa de helicópteros adquiriu os seus primeiros aparelhos na Noruega entre os que foram dados de baixa em trabalhos de assistência a plataformas petrolíferas (os chamados *seaking*). Trata-se de aparelhos obsoletos, faltos da tecnologia e dos elementos necessários para resgates no mar (sistemas de posicionamento, gruas...). É um negócio redondo já que a Helicsa recebia depois das Administrações uma quantia anual por cada um deles, sistema que lhe permitia recuperar num só ano todo o capital investido.

As origens da Helicsa remontam ao ano 1965. Na página web da empresa explicava-se que nasce por iniciativa de Eduardo Saavedra –que viria a ser piloto do atual rei espanhol– e com a ajuda económica das galegas Ucomar e Zeltia. Mas as relações da família Bourbon com a empresa iriam além e não falta quem tenha atribuído a D. Juan Carlos mediações junto do rei norueguês em favor da empresa do seu piloto. Pessoas do contorno de Fernando Novoa confirmaram que o empresário faz ostentação da sua amizade com D. Juan Carlos, com quem teria partilhado viagens em helicópteros da Junta.

EM ANÁLISE

Há 110 expedientes doutros tantos casos ligados à Galiza, em que supostamente se cometeu um delito de detenção ilegal

A mão rica mexe no berce, a mão pobre enterra a caixa

AS CRIANÇAS COMPRADAS NA GALIZA A EXAME

ANTIA RODRIGUEZ / Por vezes mesmo havia faturas de compra e venda das crianças. Monjas, matronas, ginecólogos, notários e pais adotivos estavam implicados numha trama ilegal de adopções patuadas que começaram no franquismo

Conhecemos a existência dos casos de bebés roubados meados os anos 2000, através das histórias dalgumhas famílias que soubérom, após muitos anos de ocultamento, da existência dum filho, dumha filha ou dum irmão. O roubo de crianças acabadas de nascer e a sua posterior venda começou nos anos 50, nos cárceres do tardo-franquismo ou a jeito de represália, nas casas republicanas. Mas esta miserável prática, desenvolvida sobretudo pola Igreja, continuou mantendo-se durante décadas por todo o Estado espanhol, indo, para além das famílias “roxas”, às mais desfavorecidas ou empobrecidas. Também se registárom casos na Galiza, onde mesmo há dados da venda de crianças a começos dos anos 90.

Após os anos do pós-guerra, a Igreja, através de curas, freiras, médicos ultras e mesmo juizes e advogados, seguiu a meter mão nos berces, enganando maes e pais, e preparando as faturas para as novas famílias. Mas desta volta o roubo de bebés fijo-se de maneira mais subtil, naqueles hospitais ou casas de acolhida que geria a instituição, mas também longe das suas redes, se produzia, ao mesmo tempo, em clínicas privadas e hospitais públicos. As maes costumavam, acabadas de parir, escutar dos lábios dum médico ou dumha freira, que o recém-nado nom tinha vida. Por vezes, a dor, a vergonha, a raiva... nom lhes deixava abrir a caixa que lhes era entregue, ou a idade ou a situação social -na sua maioria, era maes solteiras, com poucos recursos-, nom lhes ajudavam a reagir ante o doutor ou a monja que as enganava e manipulava para ficar com a criança, e depois introduzi-la em redes ilegais de adopção. Nom é mais que a velha história do rico, do poderoso, a aproveitar-se de quem vive na pobreza, daquelas mulheres enganadas, desprezadas, apartadas da sociedade por parirem soas, sem um homem ao carom.

Há pouco tempo que se soubo da existência deste mercado escuro que demandava crianças para serem compradas e vendidas, mas a força do movimento associativo



ANTIGA RESIDÊNCIA SANITÁRIA ALMIRANTE VIerna EM VIGO

daqueles nenos e nenas, que agora já som homens e mulheres, e daquelas maes, que começaram a se juntar, e contárom a sua história, obrigou a Fiscalía a atuar.

A força do movimento associativo: SOS Bebés Roubados Galiza

A associação SOS Bebés Roubados Galiza começou a atuar formalmente na primavera de 2012. Segundo contou a este jornal a sua presidenta, Estrella Vázquez, antes nom tinham umha associação própria, senom que participavam da coordenadora estatal, “mas nom saíamos na imprensa, e parecia que na Galiza nom havia casos, por isso decidimos dar o passo”. Na atualidade, temem 110 expedientes doutros tantos casos ligados á Galiza, em que supostamente se praticou um delito de detenção ilegal. Há três casos que já fôrom admitidos a trámite pola Fiscalía Geral da Galiza, mas nom é doado começar um processo em que se precisam tantas provas e documentação.

Segundo contou Vázquez, na sua associação assessoram as pessoas sobre os passos que devem seguir e a documentação de que precisam: vários advogados revisam os casos, e se há indícios de delito, começam com a denúncia, enquanto o laboratório colaborador fai as provas de ADN necessárias. Nom se trata dum processo fácil,

mo serôdio, e se estendêrom até bem entrados os 90. Também na Galiza há casos, centos deles, segundo conta nesta reportagem Estrella Vázquez, presidenta da associação SOS Bebés Roubados Galiza.

denunciam em SOS Bebés Roubados, porque muitas vezes encontram impedimentos, habitualmente dos hospitais onde os nenos eram apanhados: o antigo Hospital Municipal Labaca, hoje sede do Centro Oncológico, o Materno-Infantil e o CHUAC, na Corunha; ou o Nicolás Peña, o Geral e o Hospital da Cruz Vermelha, em Vigo; Montecelo, em Ponte-Vedra; e algumas clínicas privadas, entre outros.

A maior parte dos casos, ficamos a saber, registárom-se no sul da Galiza. “Temos umha cheia de casos dos 60 aos 70, e mesmo um caso de 1989, com fatura! Umha nena: pagárom por ela 200.000 pesetas”, diz Estrella Vázquez do outro lado do telefone, assinalando diretamente para a freira Josefa García Veiga, gestora da chamada Casa Cuna de Vigo, que era quem assinava a maior parte dos documentos alegais de adopção no sul, assim como muitos dos falsos certificados de falecimento das crianças. Mas também está a implicação de vários profissionais médicos, longe da influência da Igreja.

Monjas, dinheiro e fitas de vídeo

García Veiga era umha monja da Casa Cuna de Vigo, agora denominada Fogar Santa Isabel que está por trás de, polo menos, duas adopções ilegais. Aqueles pais para quem “conseguia” crianças, co-

Há gente chorando ante umha tumba em que nom há nada, e desterrando velhas dores

mo se fossem umha mercadoria, pagavam-lhe durante anos, agachando a transação em “doações para a congregação”.

García Veiga, já retirada, foi, em 2004, Superiora Geral da congregação “Siervas de la Pasión” -com lares em Vigo, Barcelona, Valência, Yaoundé (Camarons), Querétaro e Celaya (México)-, mas, apesar de aparecer a sua assinatura mesmo em faturas de compra e venda, nunca falou do tema. O pouco que dixo sobre os casos dos nenos roubados foi ante as câmaras de gravação do documentário *Torneume el fill! Els nens robats del franquisme*, emitido no espaço *Sense Ficció* da televisión pública catalá em 2011. Na fita, a monja de Vilardevós (Vale de Verim), assinala numha estranha divagação: “Nom me entra na cabeça desvendar nada. Que te mates agora a dar voltas inutilmente para mim é umha perda de tempo, de verdade”. Nom sabe, nom lembra que foi o que a levou a colher cativos num lugar, e vendê-los noutra. Mais para Estrella Vázquez a cousa está mui clara:

.....
Por umha nena comprada no ano 1989 pagárom 200.000 pesetas
.....
A monja Josefa García Veiga era quem assinava a maior parte dos documentos alegais
.....

“podo dizer com a boca cheia que era todo um negócio, que era polo dinheiro. Por isso colhiam os pequenos das famílias pobres, e davam-nos às famílias ricas”. Com este sistema, asseguravam-se décadas de mantimento para os lares onde continuavam a receber mulheres grávidas.

Mas do outro lado da trama estão os pais e maes a aguardar polo filho encarregado. Por vezes, conta Estrella Vázquez, os pais adotivos nom som conhecedores da procedência do bebé, mas a maior parte das vezes, sabem de onde vem. Dum jeito mui pragmático, Vázquez lembra que começaram a sair na imprensa ajudou-lhes muito, “porque sempre se pensou que isto nom acontecera na Galiza, mas quando começaram a ler sobre nós, a gente começou a falar”. Porque se conta um segredo tam grande? Tam doloroso? Estrella está certa: “toda pessoa às portas da morte confessa os pecados”, e por vezes, ver que outras pessoas andam na mesma, ajuda a falar. “Ao galego custa-lhe contar os segredos, reconhecer que levava umha caixa baleira. Conheço o caso dumha mulher que sabia que nom levava o seu cativo na caixa, que nom morrera, mas até o de agora, muitas décadas após, nom deu o passo de o buscar”.

À dor e à depressom pola perda, une-se a incerteza e o medo. Muitas das vezes, quando Estrella vai dar a notícia dum positivo nas provas de ADN, encontra-se com situações complicadas: pessoas que sabem dumha nova família ou que se dam conta de que os seus pais pagárom por elas. “Muita gente fica bloqueada”, assinala Vázquez, mas recalando que dar o passo merece a pena. “Há gente chorando ante umha tumba na que nom há nada, e desenterrando velhas dores, enquanto decide se exumar ou nom”. Mas quando lhe perguntam pola necessidade de dar o passo, apura muito ao falar para dizer que se maes, filhos, irmaos... temem dúvidas, que nom o pensem, que se ponham em contato com as associações, porque “nom lhes custa nada”.

CRÓNICA GRÁFICA

Recolhemos as imagens do mês na Galiza
Fotografias de Galiza Contrainfo



O MENINHO JESÚS FOI SEQÜESTRADO do Obradoiro polo coletivo Fartas, em protesto polos despejos. Antes de ser liberado posava assim com o NGZ



TRABALHADORAS E TRABALHADORES do Hostal dos Reis Católicos, em greve polo ERE de Paradores



CENTOS DE PESSOAS saírom à rua na Galiza -na imagem, em Compostela-, em protesto polo encarceramento de Hadriám Mosqueira



O APALPADOR VOLTOU baixar do monte para percorrer as vilas e cidades do País. Na imagem, a gente do Centro Social Fuscalho acompaña o gigante



A SIMBÓLICA QUEIMA DOS FACHOS na noite de lume novo fixou o punto de partida para que no CS A Revolta começassem a pesquisa e investigación desta tradición

casa das CRECHAS

O POZO

ruela das ánimas 1
compostela * galiza

MARÍA CASTAÑA

Galiza

Raíña, 19 - Compostela

981 560 137

RúA

Restaurante

TE. 981 55 64 69
Santiago de Compostela
Rúa de San Pedro, 24

COMPOSTELA

anante

EM ANÁLISE

A Junta manifesta-se “aberta” a instalar na Galiza esta técnica, altamente agressiva para com o ambiente e a saúde pública

O que esconde a “fraturaçom hidráulica para a obtençom de gás natural nom convencional”

NEM UMHA SÓ DAS FASES DO PROCESSO TEM DEMONSTRADO SER SEGURA E/OU INÓCUA PARA O AMBIENTE E A SAÚDE

Nos começos de dezembro, o Governo autonómico tornava pública, através do diretor-geral da Indústria, Energia e Minas, a sua “aposta decidida na procura de jazigos de gás natural nom convencional”. Ángel Bernardo Tahoces assinalava a vontade da Junta de favorecer no possível as exploraçoms do subsolo galego mediante a técnica extrativa conhecida como ‘fraturaçom hidráulica’ ou ‘fracking’, técnica aplicada para a extraçom do ‘gás de xisto’ e que véu sendo objeto

dumha dura polémica nos últimos anos, nos Estados Unidos de América e também na Espanha. No nosso país, de momento e que se saiba, a possibilidade deste tipo de extraçoms nom passa ainda dum desiderato do governo autonómico, mas a vontade manifesta deste e o facto de já terem começado prospeçoms em território espanhol, levam-nos a aprofundar nas conseqüências para o ambiente o ambiente se a ideia prosperasse.

X.R.SAMPEDRO / O ‘gás de xisto’ é a denominaçom que se dá a pequenas formaçoms de gás, com forma de ‘lascas’, no meio de camadas de rochas sedimentares. Ao contrário do que acontece com as grandes bolsas de gás natural, que som exploradas em estruturas extrativas de escala industrial, a ideia por trás da exploraçom do gás de xisto é a de inçar o território de dúzias de pequenas estruturas para ‘aproveitar’ a riqueza do subsolo.

O processo consiste em abrir um poço que penetre na terra uns quatro quilómetros. Este poço ramifica-se em poços horizontais que medem também alguns quilómetros. Por esses poços introduz-se a pressom, empregando umha mistura de água e areia, que vai provocar artificialmente a ‘fratura’ que dá nome ao processo. A pressom nas fendas dentro dos depósitos de rochas sedimentares rebenta esses depósitos, fazendo desmoronar os estratos de rocha, as bolsas de gás libertam-se poço acima, e som recolhidas pola estrutura deste em superfície.

Ora bem, nem umha só das fases do processo tem demonstrado na prática ser segura e/ou inócua para o ambiente e a saúde humana. O que pode ser apresentado como um processo simples e puramente físico, trai consigo umha série de implicaçoms químicas e geológicas verdadeiramente graves.

Poluiçom por químicos

A questom fundamental, génese de riscos posteriores, é que esta técnica emprega produtos químicos nocivos. O que as empresas nom dim é que, para maximizarem ganhos e provavelmente como única maneira de fazerem rendíveis as exploraçoms, essa água e areia que som injetadas nos poços contêm misturas de químicos que servem para esboroar a rocha mais rápido. A este respeito, o último relatório do Parlamento Europeu, de outubro de 2012, recolhe os resultados da análise de fluidos empregados em fratura hidráulica na Alemanha: “todos [os fluidos de fraturaçom] contêm químicos com quocientes de risco por cima significativamente de 1, o que indica que esses químicos som críticos do ponto de vista toxicológico”. E ainda, que “esforços em investigaçom e desenvolvimento substancialmente mais avançados vam ser necessários antes que umha fraturaçom hidráulica sem químicos tóxicos poida ser possível”.



Os poços estudados pela UE usam químicos considerados tóxicos

Este relatório confirma resultados semelhantes aos verificados por cientistas independentes (os que conseguem situar-se fora do campo de poder do lobby energético), e que constatam a incidência de “toxinas agudas como o 2-butoxietanol”, “oito substâncias classificadas como cancerígenas conhecidas, como o benzeno e a acrilamida, o óxido de etileno e vários solventes à base de petróleo contendo substâncias aromáticas”, “sete classificadas como mutagénicas”, e “cinco classificadas como tendo efeitos sobre a reproduçom”.

Assim, ficam em nada as alegaçoms com que porta-vozes e

agentes de relaçoms públicas das empresas do setor atribuem a contaminaçom denunciada polos movimentos sociais estado-unidenses à desregulamentaçom e más práticas. Era nessa linha que se pronunciava em dezembro a ‘Plataforma Shale Gas España’, lobby do setor para o estado espanhol. Numha conferência de imprensa, o seu representante Juan Carlos Muñoz dizia que a atividade podia ser “compatível” com a proteçom do ambiente e que a legislaçom espanhola é “das mais garantistas da Europa”.

O qual é como nom dizer nada. Pois Muñoz nem mencionou os químicos tóxicos nem as conclusoms dos relatórios da EU, que consignam que “nom existe umha análise completa e detalhada disponível publicamente do quadro regulamentar europeu relativo à extraçom de gás de xisto”, e que o quadro “relati-

vo à fraturaçom hidráulica, que constitui o elemento central da extraçom de gás de xisto, apresenta diversas lacunas”.

Radioatividade e lume

E, como resume a UE, “evitar os químicos tóxicos nos fluidos nom evitará todos os riscos relativos ao refluxo desses fluidos para a superfície, pois virám misturados com águas que amiúdo contêm substâncias nocivas”. O efeito imediato da fraturaçom artificial de rochas na libertaçom de partículas radioativas é dificilmente controlável polas empresas extratoras. As partículas de urânio, rádio ou radónio (este especial e perigosamente presente em solos galegos), ao desintegrarem-se em metais pesados, contêm com facilidade aquíferos subterrâneos e águas superficiais. A curto prazo, a contaminaçom ameaça os trabalhadores em contato mais direto com esses metais. A curto e meio prazo toda a gente estará a consumir metais pesados através das águas contaminadas. A consumir e acumular, dado que esses metais nom podem ser eliminados polo organismo humano. Essa contaminaçom dos aquíferos, neste caso por metano que é libertado mas nom encontra a via de saída polos poços, deu também lugar ao alarmante fenómeno de lares norte-americanos em que a água da torneira pode facilmente tornar-se numha bola de lume, toda umha metáfora da dependência e absoluta entrega aos combustíveis fósseis por parte do modo de produçom dominante.

CENTROS SOCIAIS

CS Abrente
Arcade · Souto Maior

Aguilhoar
O Forno · Ginzó de Límia

Arredista
Rodas, 25 · Compostela

CS Almuinha
Rosalia de Castro, 46 · Marim

Artábria
Trav. Batalhons · Ferrol

Aturajo
Principal · Boiro

CSO Bairro do Cura
Bairro do Cura · Vigo

Bou Eva
Terço de Fora · Vigo

A Casa da Estaçom
Ponte d'Eume

A Casa da Triga
P. Maior · Ponte Areias

CSO Casa do Vento
Figueirinhas · Compostela

CSO A Casa Negra
Perdigom · Ourense

LS do Coletivo Terra
Boa Vista · Ponte d'Eume

A Cova dos Ratos
Romil · Vigo

Faísca
Calvário · Vigo

Ferveteiro
Adám e Eva · Ferrol

O Fresco
Bº da Ponte · Ponte Areias

O Fuscalho
Rua Colom · Guarda

A Ghavilla
Ponte da Rainha · Compostela

Gomes Galoso
Monte Alto · Corunha

Henriqueta Outeiro
Quir. Palácios · Compostela

CSO Liceo
Estribela · Marim

CS Lumel
Rouxinol nº16 · Vigo

Mádia Leva
Serra de Ancares · Lugo

CSO Palavea
Palaveia · Corunha

O Pichel
Sta. Clara · Compostela

A Revira
Gonz. Gallas · Ponte Vedra

A Revolta do Barbés
Rua Real · Vigo

A Revolta de Trasancos
A Faísca · Narón

CSOA O Salgueirón
Zona Massó · Cangas

Sem um cam
Rua do Vilar, 9 · Ourense

A Tiradoura
Reboredo · Cangas

CS Vagalume
R. das Nóreas, 5 · Lugo

CSA Xogo Descuberto
R. Salvaterra, Coia · Vigo

CS A Zalemá
R. Carris, Valença · Barbadás

DITO E FEITO

“Quigemos construir umha alternativa, um lazer nom alienante distinto ao que se ofrece normalmente nos bares”

“Se seguimos aqui é porque nom mudamos os princípios com que nasceu o nosso local”

ENTREVISTA A LUIS FEIJOO, DO CAFÉ UF (VIGO)

O.R. / Procuravam um projeto a longo prazo, que nom se camuflasse com as modas, que tivesse claros os seus princípios e nom tivesse reparos em manifestá-los. E abrírom as portas do Café Uf, na viguesa Rua do Prazer. Trinta anos de-

pois, a arte, a ideologia e o debate continuam bem presentes nas paredes e enchendo as conversas de quem se achega a este local cheio de história. Luis Feijoo expom-nos as razons que os movérom e a resposta do público.

Neste 2013 celebrades o aniversário do vosso local. Com que ideia o criastes há já 30 anos?

A nossa ideia era construir um local alternativo, onde se combinassem ideologia e arte. Quigemos construir umha alternativa de lazer, onde os conteúdos culturais e políticos fossem os protagonistas.

Trata-se dum dos projetos mais longevos do País. Mantivestes essa primeira ideia?

Em essência nom mudou, e penso que isso é um dos nossos maiores êxitos. É certo que os tempos som outros, e nós medramos com eles: começamos pondo vinilos e agora empregamos o youtube. Aliás, ampliamos o local, construimos a terraça, estabelecemos umha exposiçom de pintura permanente, ... Mas a ideologia e o vínculo com o social mantivérom-se sempre.

E quanto ao público? Transformou-se nestas décadas?

A nós sempre nos interessou nom envelhecermos com o público; nom gostamos dessa ideia tam romântica do cliente que vai vendo passar os anos desde o mesmo bar. Queremos dinamismo. Gente da de sempre, sim, mas sobretudo muita mocidade, muito público renovado e activo. Gostamos dessa heterogeneidade. E sempre pensamos que, se o local estava vivo, viria toda essa geraçom nova, e marcharia todo aquele que se foi aburguesando e a quem, com probabilidade, já nom luta por aquilo que era tam importante na sua mocidade. Em todo caso, o público do Uf foi sempre um público mui variado, ao que procuramos atrair com atividades mui diferentes.



Tínhadhes algum referente de local semelhante quando começastes com esta iniciativa?

Nom demasiadas! Em Vigo era o segundo ou terceiro pub que abria, mas a nossa era umha perspectiva diferente. Tampouco conhecíamos cafés fora da Galiza que tiveram a linha que nós procurávamos, ainda que existiam referentes históricos como Els Quatre Gats de Barcelona ou o Majestic do Porto. Há que ter em conta que o Uf é filho dumha situaçom política mui concreta, fruto do trabalho de várias pessoas que coincidiámos ideologicamente. Perseguíamos umha ideia mui clara de cultura, na que a música, os livros, o cinema, ou o teatro tivessem espaço, e conseguissem suprir a alienaçom social que costuma predominar nos bares convencionais. Nós nom ficamos milio-

nários com o nosso local, mas sim conseguimos o que queríamos, que era criar um pequeno grupo de resistência cultural e social. Isso existe em todas as partes do mundo, ainda que a gente que procura isso poda desembocar em iniciativas mui diferentes... Uns abrem umha livraria, outros umha loja, outros umha carnicaria, e nós apostamos num café.

Este interesse tam marcado polo cultural, o político e o social fai que o Uf poda recordar mais a um centro social do que a um bar...

É certo, mas nós sempre quigemos deixar mui claro o que somos, e nom somos um centro social. Mentiríamos se nom dixéssemos que somos um bar, só que com umhas inquietudes pouco habituais. Nom temos umha intençom organizativa como a que po-

“A ideia era construir um local alternativo, onde se combinassem ideologia e arte”

de haver num centro social, ainda que no nosso local se tenham reunido as mais diversas associaçoms: umha rádio pirata, umha associaçom de defesa do Kurdistán, ... Projetos do mais diverso, que sabem que sempre tivérom as portas do Uf abertas.

Como poderíamos definir, daquela, o papel do Uf na vida social, cultural e política de Vigo?

Penso que conseguimos ser um referente nesses sentidos, e estamos orgulhosos disso. Os 30 anos que levamos às nossas costas consolidam-nos como um sítio sério, bem pensado e bem montado. Algo que sempre nos definiu é que nunca pedimos subvençoms; houve quem nos tachou de demasiado estritos, mas quando começa a ceder nisto acabas fazendo umha cultura mercenária, e nom era o que queríamos. A gente sabe que somos o bar com o maior videoclube, biblioteca, discoteca; o primeiro que tivo um grupo fixo de jazz, e um espaço onde começárom iniciativas tam destacadas como a campanha anti-OTAN. Por aqui passárom pessoas que eu nem sonhara com ver, como Otelu Saraiva de Carvalho ou García Calvo. A gente tem em conta todo isso. E se somos um referente para tantas cousas e tam diferentes é, justamente, porque nom nos movemos nem viramos de chaqueta.

Teatro, concertos, concursos de poesia, pintura, ciclos de cinema, aulas de música, mercadinho alternativo, conferencias... O vosso leque de atividades é realmente amplo! Mesmo editades umha revista própria, a Work in Progress.

Sim. Nela escrevemos sobretudo as pessoas que levamos o local, ainda que sempre há algumas colaboraçoms de gente que nesse momento para mais por aqui. Cada número é mui diferente, com distintos temas e um número de páginas que também varia. Temos tratado o matrimónio rosa, a Beckett, ou mesmo criado um número a partir dumha imagem concreta.

E o que diríades a quem opina que este tipo de espaços nom tenham viabilidade num contexto de crise como o atual?

Pois que estão mal acostumados! É certo que nom som bons tempos porque a gente está sem recursos, mas do que a gente se queixa realmente é de que nom haja subvençoms, porque houve muitas pessoas que viviam disso e nom dum trabalho real pola cultura. Aos que levávamos pelejando por renovar-nos à margem das esmolhas, nom nos mudou tanto o panorama. Somos o mesmo povo, e temos os mesmos problemas. Pode ser que o que faga falta, para além de organizarmo-nos, e deixar de ter tantas expectativas económicas, porque estávamos consumindo muito mais do que precisávamos. Há que mudar o chip, adaptar-se, reinventar-se, mas a melhor prova de que projetos como este seguem a ser viáveis é que, 30 anos depois, seguimos aqui.



EM ANÁLISE

O banco receberá 5.425 milhões de euros para o plano de reestruturação para vender-se ou integrar-se noutra entidade

A morte de Novagalicia Banco ou o assalto ao aforro galego

CRISE FINANCEIRA NA GALIZA

Nos últimos anos viu-se como a base do sistema financeiro galego saltou polos ares. Os grandes poderes começaram a fazer jogos malabares com as entidades onde a cidadania galega tinha depositados os aforros, tornando as velhas caixas de aforros num suculento prato para a grande banca. Ademais, a classe política nom deu tampouco umha resposta à altura da situação. Por umha parte, a críptica postura do PP, que a nível autonómico dizia apostar numha entidade galega enquanto a nível estatal urgia as privatizações e as

grandes concentrações, e por outra a posição da esquerda parlamentar, que defendia com unhas e dentes o modelo das caixas de aforros, umhas entidades que já há anos que se afastaram dos seus princípios e que eram controladas por umha banda de executivos que pensavam mais nos seus ganhos que nos aforros da gente. O resultado desta re-estruturação, como lhe chamam, é um empréstimo multimilionário à banca que deverá pagar a população e milhares de trabalhadores na rua.

A.L./ No mês de novembro deu-se a conhecer o golpe definitivo ao sistema financeiro galego. Desde o seu pedestal europeu, o comissário de Concorrência da UE, o espanhol Joaquín Almunia, debulhava as condições que deverão cumprir as entidades candidatas a beneficiar do resgate à banca e que constituem umha nova burla. Assim, a entidade que nasceu da fusão das caixas galegas, a NG Banco, deverá vender-se ou integrar-se noutra entidade no prazo de cinco anos. Em troca disso, a NG receberá 5.425 milhões de euros para executar um plano de reestruturação que irá deixá-la em condições rendíveis para a futura compradora. O plano de re-estruturação da NG Banco é todo é um exemplo de como se saqueia um povo. Em dezembro o Fundo de Re-estruturação Ordenada Bancária (FROB) avaliava esta entidade negativamente em -3.091 milhões de euros e indicava como se deveria fazer a recapitalização. Deste jeito, o FROB obterá 100 por cento das ações e iniciará umha chamada “operação acordeom”, que consiste em pôr o capital a zero e procurar novos investidores. De caminho, encontra-se também o roubo, ou “quitação”, às pessoas aforradoras que contam com participações preferenciais, um complexo produto financeiro que as caixas galegas venderam sem informar como era devido aos seus clientes habituais. O FROB avalia em mais de 1.000 milhões o que estes clientes enganados deveram dar.

Desde CIG-Banca expõem quais som as graves repercussões que este plano terá tanto para as pessoas que trabalham em NG Banco como para a sociedade galega no seu conjunto. Uns 2.508 despedimentos na entidade, assim como as que poderiam ter lugar nas empresas auxiliares; a desaparecimento das ações da antiga caixa de aforros em NCG Banco,



o que põe em perigo a continuidade da obra social pois a sua supervivência dependeria dos dividendos produto dessas participações; o fecho de oficinas no rural... som alguns dos negativos efeitos que deixa o processo de re-estruturação, ademais da forte quita para quem conta com dívida subordinada e a transformação, através do resgate bancário, em dívida pública da dívida privada das entidades financeiras.

A bancarização que começara
A guerra entre os bancos e as caixas fora declarada há décadas. Em teoria, estas últimas nom eram sociedades anónimas, como som os bancos. Eram fundações que destinariam o que ganhassem a financiar e expandir a própria entidade, a promover iniciativas empresariais ligadas ao território em que estão implantadas e a realizar trabalho social e cultural. Mas, a concorrência com os bancos para conseguirem mais depósitos levou a que, na prática, as Caixas de Aforros comessem a jogar nos circuitos financeiros em que jogava a grande banca, espe-

Estimam uns 2.500 despedimentos pela reestruturação

cialmente no negócio imobiliário. Foi entom que começou a bancarização, dirigida por esses executivos que começaram a investir em mercados como o imobiliário e se topárom de súpeto com um buraco de milheiros de milhões de euros trás do estoupido da bolha imobiliária.

No número 165 da revista *Tempos Novos* o economista Ramón Yáñez indicava que desde os anos 90 se tem praticado um “processo de bancarização imperfeita”, em boa medida devido à desregulamentação financeira que estava em curso. Yáñez di que “o novo modelo concretizou-se num processo de acastelamento de bancos e caixas nas posições próprias e, ao mesmo tempo, numha tentativa de arrebatar parte do negócio das outras entidades”. As caixas galegas começam umha política

expansiva, abrindo centos de cursais fora do território galego e realizando operações perigosas. A consequência foi “um aumento do volume de crédito concedido pelas caixas galegas a atividades imobiliárias, muitas delas situadas fora do País, e umha participação acionarial desmedida em empresas do mesmo setor com um elevado caráter especulativo”, explica Yáñez nesse artigo. E quando explode a bolha, a morosidade ligada com a especulação imobiliária dispara.

Representação e retribuições
Durante todo este processo de aniquilação das entidades galegas de aforro, vozes do nacionalismo institucional afirmárom a necessidade da sobrevivência das caixas, por serem as únicas entidades em que ainda se mantinha certo controlo público. Mas tal controlo é na verdade quase que inexistente, pois a representação da administração nos conselhos das caixas é mínima, se bem que por vezes a Junta tenha chegado a acordos com as duas grandes caixas galegas, sobretudo no relacio-

O FROB avaliou o banco negativamente em -3.091 milhões

Os afetados pelas ‘preferenciais’ perderam 1.000 milhões

nado com as obras sociais.

Assim, o jornalista Julián Rodríguez indicava, no seu livro *Señores de Galicia*, que a Caixa Galicia e Caixanova estavam entre as caixas de aforro menos politizadas do Estado espanhol. Segundo esse trabalho, no início deste século, 75% dos conselheiros da Caixa Galicia e 60% da Caixanova eram designados por impositores, empregados e entidades benéficas e sociais. Em ambas as Caixas, Concelhos e Deputações escolhiam 25% dos conselheiros. Na Caixanova ficava 15% de peso político através de entidades fundadores, como fôrom o Concelho de Vigo e as Deputações de Ourense e Pontevedra, mas segundo aponta Rodríguez o município viguês tem delegado tradicionalmente a sua participação em empresários locais.

O mesmo livro indica também que os conselhos de administração das velhas caixas de aforro galegas eram alguns dos melhor remunerados na Espanha. Assim, durante anos a Caixa Galicia destinava para soldo agregado (salários, ajudas de custo e compromissos por pensões) umha média anual de cinco milhões de euros, enquanto a Caixanova dava para este capítulo umha soma algo superior a quatro milhões de euros. Que é o que realmente fôrom as Caixas de Aforros, sobretudo nos seus últimos anos? Iniciativas de relevância social ou instrumentos para a ganância de determinadas famílias de empresários?

'La Voz de Galicia' afronta umha grave crise interna

Nos últimos anos o panorama informativo tem mudado de maneira radical. A crise e os novos canais de informação están a fazer passar por umha grave situação à imprensa escrita, sobretudo a dos grandes grupos comerciais. Na Galiza, o grupo de 'La Voz de Galicia' também nom está a atravessar o seu melhor momento. Com dívidas de 30,7 milhões de euros, demandas sindicais e perda de leitores, nom se prevé um futuro promissor para o grupo. Embora as subvenções públicas continuem a untar o jornal, numha estranha contradição da parte do governo do PP, que promove empresas com claro défice.

XAVI MIQUEL / O principal problema de *La Voz de Galicia* é que nos últimos anos está a perder leitores a cada mês que passa. Nom é um problema exclusivo do jornal que mais se vende na Galiza, mas *La Voz* é um dos jornais que mais se ressentem. Segundo os dados da Oficina de Justificación de la Difusión (OJD) para 2012, *La Voz de Galicia* perdeu 16,3% de leitores diários, passando de 48.643 exemplares diários vendidos em finais de 2011 para 40.716 no fim de 2012. Acrescente-se-lhe a perda de difusão que em 2010 desceu pela primeira vez de 100.000 exemplares e que nos anos seguintes continuou a descer até chegar a 81.872 leitores diários.

À perda contínua de venda de jornais há que somar a crise económica que sofre o grupo presidido por Santiago Rey Latorre. Segundo os últimos dados da Asociación de Editores de Diarios Españoles (AEDE) correspondentes a 2011, o grupo editor de *La Voz de Galicia* tem umha dívida de 30,7 milhões de euros. O mesmo relatório no ano 2011 di que o jornal fechou o exercício com perdas de quase dous milhões e meio de euros, a crescer aos outros dous milhões e meio que o grupo gastou nas pré-jubilações do pessoal. E a descida da publicidade na imprensa escrita em geral, afeta *La Voz* com uma queda de anunciantes que pode ser de 15%, segundo se expom num relatório da empresa publicitária Zenthinela. Em 2012 as tarifas de publicidade no diário galego eram de 7.718 euros a página nos dias úteis e de 11.935 euros nos dias feriados. O comité de empresa denuncia que, além do jornal, também a televisão do grupo (*V Televisión*) é um fundo de perdas inquantificável e é a ela que atribuem boa parte da responsabilidade pola situação e a dívida do grupo em geral.

34 pessoas despedidas num ano

Outro eido em crise é o laboral. Em 27 de dezembro de 2012, umha sentença do Julgado Social nº3 da Corunha con-



A última subvenção deu quase 700.000 euros ao Grupo Voz, que despediu 119 pessoas em 4 anos

denava *La Voz de Galicia* por violação de direitos fundamentais. O jornal, com efeito, mudara de secção um trabalhador por se afiliar à CIG. Segundo a sentença, "apreciam-se indícios de que a mudança de secção ocorreu como consequência da sua incorporação numha lista do sindicato CIG e pola sua condição de representante eleito dos trabalhadores e presidente do Comité de Empresa". Ademais, a sentença obriga o jornal a readmitir no seu anterior posto o trabalhador. Todo isto se passa num momento em que o pessoal de *La Voz* está a minguar dia após dia e onde a perda de salário cada vez é mais notória. Depois de pagar 2,5 milhões de euros em indemnizações e prémios aos trabalhadores que aceitaram prejubilar-se ou beneficiar dumha baixa incentivada, durante o ano 2012, o Grupo Voz continuou com os despedimentos em todas as áreas. Assim, *La Voz* passou de ter um quadro de pessoal composto por 452 empregados em 2009 para 367 no início do ano passado. No ano passado 34 trabalhadoras e trabalhadores fôrom despedidos. Havia quem estivesse a trabalhar na empresa desde 1972. Além dos despedimentos, a rebaixa dos salários está a tornar-se umha constante. Em 2009 o Comité de Empresa decidiu baixar-se os soldos em 3% em troca de que fossem mantidos todos os postos de trabalho. Agora, com a negociação do convénio coletivo para os próximos 3 anos, haverá umha nova baixada de 3%.

100 milhões de subvenções

Contodo, *La Voz de Galicia* continua a ser o jornal que mais dinheiro público recebe cada ano em forma de subven-

ções, subscrições ou convénios por parte da Junta. A última destas chegou no último dia do ano 2012, nas ajudas às empresas jornalísticas. A Conselharía da Presidência outorgou 681.925,20 euros às empresas do grupo Voz repartidos em 611.000 ao jornal, 24.400 ao rádio e mais de 46.000 euros à cadeia de televisom. Nada novo, já que este sistema é umha constante nos esquemas de rendimentos de *La Voz de Galicia*, como manifestam os 3,5 milhões de euros que no 2010 fôrom injetados ao jornal. Destes, 1.315.768,70 euros correspondem a "subscrições, fornecimento de exemplares e inserções publicitárias", 619.652 euros som dados mediante "convocatória pública em regime de concorrência competitiva" e 1.525.379,59 euros som derivados de convénios de colaboração com diversas Conselharias". Assim, em 2008, o bipartido no governo da Junta deu quase 7 milhões de euros. Todos estes dados som fruto do relatório de fiscalização do Tribunal de Contas para a Junta em 2010, que deixa ver como o governo galego deu 15,2 milhões de euros aos meios de comunicação privados. Neste último ano também houve vários convénios com diferentes Conselharias, como os 150.000 euros assinados com a Conselharía da Economia para a difusão de "conteúdos de interesse para a sociedade no âmbito competencial", ou os 110.000 assinados com a Secretaria-Geral dos Meios para a "difusão informativa das potencialidades de Santiago de Compostela". Na linha de conta entram também umha ajuda do Igape de 2,2 milhões de euros em 2010 para a nova rotativa do grupo, ou o contrato de mais de 1,1 milhões de euros para a "realização de trabalhos para a elaboração da edição electrónica do DOG". Contodo, o diário "Depor Sport" (na particular guerra entre o presidente do Deportivo, Augusto César Lendoiro, e o jornal de Santiago Rey) publicou que *La Voz de Galicia* tem recebido mais de 100 milhões de euros nos últimos 20 anos.

NOTAS DE RODAPÉ

O Manifesto Intransigente do Rei Nu

No famoso conto dinamarquês, o Rei toma a decisão de mostrar-se nu para nom parecer estúpido. Eis a chave do argumento: o alfaiate avisa que só os parvos ficarão insensíveis ante o fasto da real seda.

Para os inconvenientes do nudismo nom saltarem à vista, o Rei precisa da complicitade da Corte e em particular dos seus cronistas. O que nom previra Andersen é que sucederia no caso de o protagonista da história ser estúpido, em coiros ou vestido.

O senhor de Rato, por exemplo, quarta geração de prestamistas do Paço Real, colabora e deixa cair capa, faixa, calças e meias no momento de entrar vestido de Adám pola porta grande da Telefónica, chapado dum salário que duplica o do chefe do Governo.

Rato fai quer um sacrifício para atrair as miradas e salvar o pudor do monarca, quer um desafio para deixar o Urdangarín num segundo termo. Como ministro das Finanças de Aznar, Rato vendera a interesses privados a participação do Estado na Telefónica.

Outros participantes no transvase público-privado da Telefónica já foram premiados com despachos de caoba na Companhia: o terror de corruptos Zaplana, o caçador de empresas e genero do Rei e o home da atual vice-presidente do governo Rajoy.

Imprensa e TV convenhem o fato de o rei ser o nunca visto. A TVE escolheu um Master em Adução, tam arcaico no jeito de tratar o Rei que o entrevistado parecia algo mais moderno e liberal.

Mas todos os riscos estavam cobertos na aliança de empresas privadas e públicas de comunicação, juramentadas a que nunca o monarca aparecera mais ricamente vestido. Algum comentarista obrigado polo juramento, nom deu resistido e acusou a entrevista do Rei de representação de antiquário.

O manifesto de Primo de Rivera (1923) também era anacrónico e, igualmente, declarava regalmente vestido a um coroado em coiros. Ainda mais: o tal manifesto era um rebato violento contra o nacionalismo em geral e contra o independentismo catalám em particular.

O ministro Morenés, vendedor de minas banidas em todo o mundo, alarma contra "provocações" nom identificadas à "instituição militar" (quererá dizer: a administração das forças armadas) Eis a parte castrense do manifesto. O Rei-Nu acerta contas ao "rupturismo" e reclama "unidade".

Jesús Hermida experimenta umha imprevisita ondulação mandibular, humilha os olhos e exclama: "Moderno, moderno!".

CULTURA

“Tomando como ponto de partida os sapatos de salto, tentamos analisar o mundo por que caminhamos as mulheres”

RAQUEL REI É REALIZADORA DO DOCUMENTAL 'DEU CENTÍMETRES MÉS A PROP DEL CEL'

“Acredito no cinema feito a partir da crítica, com um posicionamento de género mui marcado”

A.R.G. / Raquel Rei (Moar, 1983) é criadora e realizadora de um documentário de 25 minutos feito em quatro línguas -catalán, galego, castelhanu e inglês-, onde os sapatos de salto se con-

vertem na metáfora que nos convida a refletir sobre a construçom do género e a posiçom que ocupamos as mulheres na nossa sociedade. Destaca a visom mui pessoal que lhe dá à fita

umha narraçom em primeira pessoa, que conta, com humor, a relaçom própria com os sapatos de salto, instrumento de seduçom para umhas... e de tortura para outras.

Como surgiu a ideia central do documentário?

Já havia tempo que lhe dava voltas a esta ideia, a pensar nos sapatos de salto como algo venerado por umhas pessoas e odiado por outras. Um mesmo objeto tem significados mui diversos, pois nom é apenas calçado, e tomando isto como ponto de partida, tentamos analisar o mundo polo que caminhamos as mulheres. Em 2011 comecei o Mestrado em Documentário em Barcelona, e tive a oportunidade de desenvolver este projeto e de produzi-lo através da Escola de Cinema. Provavelmente o tivesse feito de todas formas, porque levava tempo pensando nele, mas aproveitei a oportunidade.

Quando começaste com o guiom, já pensavas dar-lhe formalmente esse toque tam pessoal que impremem cousas como falar em primeira pessoa ou a tua própria voz em off?

A verdade é que formalmente nom gosto muito da voz em off, mas nesta ocasiom era ideal, porque o documentário tem parte importante de umha ideia pessoal, parte de mim, de como eu vivim certas cousas, de como penso. Saímos do próprio, do mais pequeno, para contar algo mais grande. Nom queria ter umha presença fundamental na peça, mais bem a minha história seve de fio condutor, partindo do pessoal para que outra gente vaia dando a sua opiniom. É um pequeno piar que serve para ir fiando o discurso narrativo.

Como trabalhaste no processo de criaçom?

Ao fazer o documentário na Escola, tivemos que seguir umha estrutura clássica, com construçom e desenvolvimento de guiom. Noutros trabalhos nom costume escrever tanto, desenvolver tanto as ideias no papel, mas nesta ocasiom, a partir de pequenas frases que definiam o que queríamos fazer, fomos construindo o guiom. Assim, chegamos a identificar as ideias chave sobre as que construir umha peça de 25 minutos,



.....
“Ser feminista é questionar o sistema. Implica a denúncia, a crítica social”

que nom é muito, sobre os estereótipos com que se constrói o género, quer dizer, como somos vistas as mulheres no sistema patriarcal.

És mulher e feminista, e no teu trabalho sempre está presente a perspectiva de género. Mas, acreditas na etiquetagem, ultimamente na moda, de “cinema feminista”?

Nom sei se creio muito na etiquetagem. A verdade é que sempre procurem meter-te num género ou noutro, mas no que eu acredito é no cinema feito a partir da crítica, com um posicionamento de género mui marcado. Para mim ser feminista é questionar o

sistema, e isto implica a denúncia, a crítica social. Som as duas cousas juntas, e para mim nom podem ser separadas num cinema entendido como arma social.

Para além da carga de crítica social, este documentário está cheio de humor, de retransca...

Sim, é algo mui procurado, feito de forma totalmente intencionada. Queria contar a história com retransca, com ironia, e isto por vezes era complicado de explicar para os e as companheiras que figérom comigo o documentário, porque vinham de outras partes do Estado e do mundo, e nom compreendiam algumas cousas. Acho que os documentários também devem ser feitos com humor, porque assim entram mais fácil: nom tenhem porque ser sempre sérios. Para além disto, num projeto pessoal como este, a retransca tinha que estar presente, como representaçom de umha parte de mim, que também me define.

.....
“Os documentários podem ser feitos com humor, porque assim entram mais fácil”

O documentário *Deu centímetros Més a Prop del Cel* foi apresentado em Barcelona o passado verao e, posteriormente, em Compostela. O dia 11 de janeiro também foi projetado na Corunha, mas de momento nom pode ser visto na Rede. Para quando?

A verdade é que já tenho vontade, mas como o estamos a enviar a festivais, e está a entrar nestes circuitos fechados, nom nos permitem publicá-lo na Rede ainda. Porém, eu tenho muitas ganas de que comece a circular, e que poida ser visto por toda a gente interessada. Também poderá ser visto na Galiza, mas ainda nom temos programadas mais apresentaçons.

Começaste, junto com a escritora Andrea Nunes, o coletivo As Candongas do Quirombo. Em que consiste este projeto?

As Candongas nascêrom em 2008 de um modo simpático: Andrea disse-me “tu sabes fazer vídeos, e eu poemas... Juntas podemos fazer videopoemas”, e assim começamos. O projeto foi transcendendo os limites da uniom de poesia e audiovisual, e também temos feito alguns documentários e curtas de denúncia. Para mim é realmente um projeto mui lindo, porque nos permite ser criativas, e também ter umha visom de género e feminista. Há poucas cousas que assine fora das Candongas, a verdade é que me ilusiona pertencer a este coletivo. Tem parte de ilusom, parte de crítica, e persegue o objetivo de construir um audiovisual diferente, transgredindo os limites de certas artes. Realmente somos duas colegas, com muita gente ao nosso redor, que fazemos cousas de que gostamos partindo da crítica, do feminismo e da poesia.



Desaparece o prémio de literatura juvenil da Fundación Caixa Galicia

REDAÇÃO / O mesmo día que Edicións Xerais de Galicia apresentou unha nova convocatoria, a número 30, do seu Prémio Xerais de Novela, dotado com 15.000 euros; e a 28ª edición do Prémio Merlín de Literatura Infantil, dotado com 10.000 euros; chegou a certificação da desaparición do prémio Fundación Caixa Galicia de Literatura Juvenil.

Foi no passado 10 de janeiro quando se soubo que o patrocinador atual retirava o seu apoio, e a editorial está a procurar um novo patrocínio para poder recuperar o galardom em 2014.

Este último prémio, que chegou a ter cinco edicions, quatro delas anuais, e que também estava dotado com 10.000 euros foi outorgado por última vez em 2011 a Hector Carré pola sua

obra Febre quando adquiriu carácter bianual, antes disso tinha sido realizado anualmente desde o ano 2006 e foi recebido por Rosa Aneiros, Jaureguizar, An Alfaya e Marilar Aleixandre. De Edicións Xerais asseguram que, umha vez que o patrocinador atual retirou o seu apoio, figérom todo o possível por conservá-lo este ano procurando outro patrocinador quando já foi confirmada a desaparición do patrocínio da Fundación Novacaixagalicia. Mesmo assim, a editorial nom está disposta a desistir e já procuram a maneira de poder recuperá-lo no ano 2014 com um novo patrocínio.

Convocam um certame de textos de contracapaA asociación cultural ferrolana Muíño do Vento convoca o I Premio Muíño do vento de textos de contracapa

com o objetivo de “promover a qualidade dos textos que acompañam o livro na contracapa ou nas lapelas e para destacar a sua importância pola informaçom que transmite ao futuro leitor”.

Ao certame da asociación sociocultural do bairro de Canido, podem-se apresentar todos os livros de literatura infantil e juvenil editados em 2012. O prémio é o quadro do pintor ferrolano Poldo Rapela, que será entregado ao autor do livro. Para além disso, e se nom houver desacordo por parte dos autores, os livros apresentados ao concurso serán entregues às bibliotecas do bairro ferrolano. *Vitaminas para o galego*, a qual também foi desenvolvida com a ajuda do micro-mecenado através de contribuições individuais através da Internet.



Alexandre Bóveda chega à B.D.

REDAÇÃO / O álbum *Bóveda, un alegato pacifista contra a inxustiza* quer chegar a figura e o pensamento de Alexandre Bóveda, membro do Partido Galeguista e fuzilado em 1936. Está desenhada por Carlos Sardiña e também é de Pitusa Arias.

Encontramos na rede um novo projeto de banda desenhada que procura financiamento através do crowdfunding: trata-se da história aos quadrinhos chamada *Bóveda, un alegato pacifista contra a inxustiza*, que quer rever a figura do galeguista assassinado em 1936. A obra está realizada polo desenhador Carlos Sardiña e a historiadora

Pitusa Arias, em colaboraçom com Sonradiofusión, a asociación de amizade com a rádio local da Galiza. Apenas precisam 4.300 euros para editar a novela gráfica. As contribuições podem ser realizadas através do site catalám Verkami.

A publicaçom desta BD é umha iniciativa de Meios em Galego, o coletivo de que fai parte o NOVAS DA GALIZA, junto com outros 9 meios de comunicaçom do País, criadores da campanha *Vitaminas para o galego*, a qual também foi desenvolvida com a ajuda do micro-mecenado através de contribuições individuais através da Internet.



Um site recolhe os gentílicos da Costa da Morte graças aos seus leitores

REDAÇÃO / O site Quepasanacosta.com recolheu, graças aos seus colaboradores e leitores, alguns dos gentílicos que recebem os costeiros das diferentes vilas da Costa da Morte.

Começam falando dos fisterros como “pescos”, mas, segundo parece, esta é umha palavra mui estendida de Laje até Muros, porque, segundo contam, “os da costa som Pescos, mesmo com um “rabudos” acrescentado quando se lhe quer dar um tom de sanha”. Noutras zonas, como em Corme, os da costa preferem

chamar-se “marinheiros”, embora muitas vilas os conheçam como “chocolateiros”, e aos de Laje, “papeiros”. Os que nom som do litoral som chamados de “montanhese”, quer dizer, aquela gente de terra adentro, de cunchos como Maçaricos.

Depois já entram a nomear as velhas “guerras” entre vilas. Por exemplo, os ceenses e os corcubioneses som “coreanos” e “pelados”, respetivamente. O primeiro nome tem origem, segundo QPC, na ideia de que a fronteira entre Cee e Corcubiom coincide com o

paralelo que separa as duas Coreias; a segunda numha praga de piolhos histórica, que criou pánico. Para além disso, a gente de Corcubiom chama aos seus vizinhos de Fisterra “paparrucheiros”. Outras alcunhas recolhidas som as de “seboleiros” para os de Dumbria; “corvos” para os de Mogia e os de Lira; “carneiros” para os de Camarinhas; “pindegos” os de Pindo; “laghartos” para os de Larinho; e “piolhos verdes”, outra vez para os de Fisterra. O site ainda admite contribuições dos seus leitores.



Humoristas por natureza?

REDAÇÃO / Edicións Morgante publica umha obra de Félix Caballero sobre o humor galego.

'O humor galego alén da retranca' é umha investigaçom de Félix Caballero, publicada por Edicións Morgante, que recolhe e analisa as diferentes opinons que fôrom vertidas durante décadas, de Castelao a Piñeiro, passando por Celestino Fernández de la Vega, Paz Andrade ou Siro López, sobre a importância do humor como elemento defini-

tório da identidade galega.

Tentando responder perguntas como “É o humor um traço essencial da psique galega? Som os galegos humoristas por natureza? Existe um humor galego diferente do doutros povos? Quais seriam as suas características? Têm os galegos um humor de autoproteçom? Riem-se deles mesmos?...”, é analisado o modo que temos de nos rir e repassa as visons que tem dado a cultura do País sobre este fenómeno.



JOGOS DA LUSOFONIA EM GOA



Os 3º Jogos da Lusofonia, o maior evento multidesportivo de língua portuguesa, serão realizados em Goa, Índia do 2 ao 10 de Novembro de 2013, incluindo 9 modalidades: Atletismo, Basquetebol, Voleibol de Praia, Voleibol, Futebol, Judo, Ténis de Mesa, Taekwondo e Wushu.

ROTEIROS DA AMAL 2013



A Agrupación de Montaña Águas Limpas (AMAL) apresentou o seu programa para 2013 com roteiros de diferentes durações e dificuldades, vam incluir rotas polo Maciço Galego, Oscos (na Terra Návía-Eu) e um acampamento de montaña no Courel.

Mais vetos à simbologia galega dentro de recintos desportivos

ISAAC LOURIDO / Desde finais da década de 1970, os recintos desportivos do estado espanhol, e especialmente o estádios de futebol profissional, pola sua projeção massiva, constituíram um espaço mais de luta e contestação simbólica contra as hegemonias desenhadas polos poderes políticos. No contexto do rearme mediático do nacionalismo espanhol da última década, fórom promocionadas grandes polémicas à volta da presença de determinados símbolos em eventos desportivos, como as bandeiras esteladas catalás ou a simbologia dos coletivos de apoio aos presos e presas políticas bascas, ao tempo que era ignorada a exibição de parafernália fascista por parte das claques de extrema-direita.

Para o caso galego, a censura descontinua (mas nom anecdótica) da simbologia do nacionalismo de esquerda nom evitou que a sua presença seja importante e esteja normalizada a dia de hoje nos principais estádios do país. Contodo, vetos recentes anunciam a possibilidade de mudanças nesta si-

tução. Após a confiscação, por parte da polícia espanhola, de bandeiras patrióticas e da Plataforma que Voltem à Casa no jogo de futebol Real Madrid-Celta (20 de outubro), a polémica chegou aos jogos de basquetebol do Obradoiro CAB, ao proibir o dispositivo policial a entrada no Multiusos Fontes do Sar das bandeiras galegas com a estrela vermelha nos jogos contra Cajasol (27 de outubro), Murcia (10 de novembro) e Gran Canaria (25 de novembro).

As reações a esta polémica definírom as posições sobre a questom. O clube informou da existência de denúncias prévias feitas por seguidores da própria equipa, ao tempo que adjudicava a responsabilidade final ao dispositivo policial e propunha nom misturar o Obradoiro com a "política". Por sua vez, a Candidatura do Povo e o BNG chamárom a acudir massivamente ao Sar com as bandeiras censuradas, enquanto o grupo municipal da formação autonomista anunciava que se persistia o veto renunciariam ao privilégio de

assistirem gratuitamente ao palco de honra. A suspensom do veto nos últimos jogos, bem como a ausência de posicionamentos explícitos sobre o assunto por parte de qualquer grupo de siareiros e siareiras, desativárom um conflito que permanece latente também nos jogos do Santiago Futsal.

No debate público sobre os acontecimentos fórom misturados critérios de *legitimidade e legalidade*. A Lei contra a violência, o racismo, a xenofobia e a intolerância no desporto, de 2007, estabelece no artigo 7 que nom podem ser exibidos "faixas, bandeiras, símbolos ou outros sinais que incitem à violência ou ao terrorismo ou que incluam mensagens de caráter racista, xenófobo ou intolerante". Com base neste ordenamento jurídico, as vozes discrepantes definem o veto às bandeiras nacionalistas como umha interpretação arbitrária, interessada e ideologicamente motivada da lei, coincidente agora com o recrudescimento dos conflitos nacionais e sociais no interior do Reino de Espanha.



Arranca o ano da transferência do Play Off Nacional da LNB de Conjo para Marroços

XERMÁN VILUBA / Quando Rubén Otero, o atual Corcoeiro Nacional da LNB, vestiu a espectacular coroa da LNB que o acreditava como tal no lusco e fusco de umha mágica tarde no campo de futebol de terra de Conjo, todos os presentes já sabíamos que, por causa da lamentável especulação municipal que vai transformar o nosso espaço natural de jogo num campo de erva artificial para a prática de desportos coloniais, este 2013 a LNB nom poderá dispor da já mítica pista para a disputa do Play Off Nacional. Desde que o soubemos, e de modo absolutamente autogestionado, a LNB procurou umha nova situação em Compostela. Depois de várias opções, escolhemos a brava paróquia de Marroços para, este últi-

mo fim de semana de maio, disputar no seu campo de futebol as finais nacionais que vam ter de novo todo o país em vela. Por outro lado, o ano 2012 nom puido ser despedido com mais força, com o espectacular Aberto da Auténtica em Ponte Vedra, no marco do Galiza-Curdistám, que supujo o impulso para, na mesma madrugada do dia 1 de janeiro, em Riba d'Eu, disputar o explosivo Abertinho dos Calos de Ano novo. As bilhardas cada dia, com ações como estas, ou as realizadas em Bueu, com o Abertinho do Roscom de Reis; e em Monterroso, com o Abertinho do Tiçom de Natal; mostram às claras a firmeza de um projeto de luta e militância constante... Bilharda Sempre: Adiante com o Varal!!!

MUITO MAIS QUE IMPRENSA!



AUTODETERMINAÇÃO

- ▶ DIREITO DE AUTODETERMINAÇÃO, UM POTENCIAL DEMOCRÁTICO
- ▶ Texto de Henrique del Bosque Zapata, prologado por Uxío-Breogán Diéguez Cequeiel
- ▶ Editam: Causa Galiza e A Fenda
- ▶ 8 euros (com os gastos de envio)
- ▶ Breve e acessível manual sobre o direito de autodeterminação e a sua aplicação na Galiza
- ▶ Versom em norma AGAL e RAG



ATLAS HISTÓRICO

- ▶ ATLAS HISTÓRICO DA GALIZA E do seu Contorno Geográfico e Cultural
- ▶ Texto de José Manuel Barbosa
- ▶ Design Gráfico e Ilustração de José Manuel Gonçalves Ribeira
- ▶ 50 euros (gastos de envio incluídos)
- ▶ Edita: Edições da Galiza
- ▶ Amplo percurso pola história da Galiza através dos diferentes mapas de cada etapa a toda a cor



O CONTO DO APALPADOR

- ▶ Textos de Lua Sende e Alexandre Miguens
- ▶ Ilustrações de Leandro Lamas
- ▶ 15 € (gastos de envio incluídos)
- ▶ Editam: Edições da Galiza e A Fenda Editorial
- ▶ Cuidada edição para crianças que aborda a figura do mítico personagem natalício
- ▶ 34 páginas, 12 ilustrações, tampas duras

ANA PELETEIRO E LOLO PENAS, MELHORES ATLETAS DO ANO



Na Gala anual do atletismo galego, junto à campeoa mundial júnior de triplo salto e o campeom estatal de 10.000 metros, também fôrom premiados Frank Casanyas (olímpico em Londres), Borja Barbeito (sub-23), Soledad Castro e Xosé Luís Otero (veteranos), a Sociedade Gimnástica de Pontevedra (clubes) ou José Antonio Pardal, Abelardo Moure e Javier Medrano (treinadores).

LICEO GANHA A TAÇA CONTINENTAL DE HÓQUEI EM PATINS



O histórico clube corunhês do Liceo remontou em Riaçor o resultado adverso do jogo realizado na Itália (5-1) e, com umha atuaçom destacada do guarda-redes Xavi Malián, conseguiu vencer nos penalties. Com esta nova vitória, o atual campeom da Europa soma a sua sexta Taça Continental e continua a crescer a sua lenda. Ainda, a equipa segue à frente da OK Liga.

Crónica do Galiza-Curdistám

90º ANIVERSÁRIO DA SELEÇOM GALEGA DE FUTEBOL: UMHA NAÇOM, UMHA SELEÇOM

1922. Coia, Vigo. Debuta da seleçom galega de futebol com vitória frente a Castela, 4-1.

2012. A Junqueira, Ponte Vedra. A seleçom galega de futebol jogará por 4º ano consecutivo graças ao esforço das Siareiras Galegas.

1923. Galiza estreia-se contra esquadras internacionais: Galiza vence Lisboa (3-1) e Inglaterra (7-2).

2012. A 5.000 km da Galiza, a seleçom curda, dispom-se a partir. As autoridades de Turquia e do Iraque, dous dos 4 Estados que ocupam o Curdistám, negam as visas aos futebolistas.

1923. Golpe de Estado e ditadura de Primo de Rivera. A seleçom galega é proibida.

2012. Da Europa partem futebolistas curdos em autocarro destino Ponte Vedra. Venhem ilusionados por representarem o seu país. Solicitam a liberdade para Abdullah Öcalan, líder do PKK

1930. Com a II República, Galiza regressa ao campo de jogo.

2012. Prévia ao jogo: almoço, convívio, bilharda, futebol gaélico. Um milhar de pessoas manifestam-se em Ponte Vedra solicitando liberdade para o Curdistám e a Galiza.

1936. Golpe de Estado franquista. Repressom. As galegas som privadas de jogar com seleçom própria.

2012. Homenagem às trainheiras galegas no estádio. Invisibilizadas por forma dupla: ser galegas e desportistas; som as quintuplas vencedoras da bandeira da Concha de Donosti.

1996. Torcedoras das principais equipas de futebol do País criam Siareir@s Galeg@s.

2012. Federaçom galega de futebol, clubes, polícia, meios de comunicaçom... os inimigos da Galiza esforçam-se na censura e no boicote do jogo....

2005. Os anos de luta de SSGG permitem que a Junta da Galiza recupere o jogo amigável de Natal. Galiza enfrenta-se contra Uruguai.

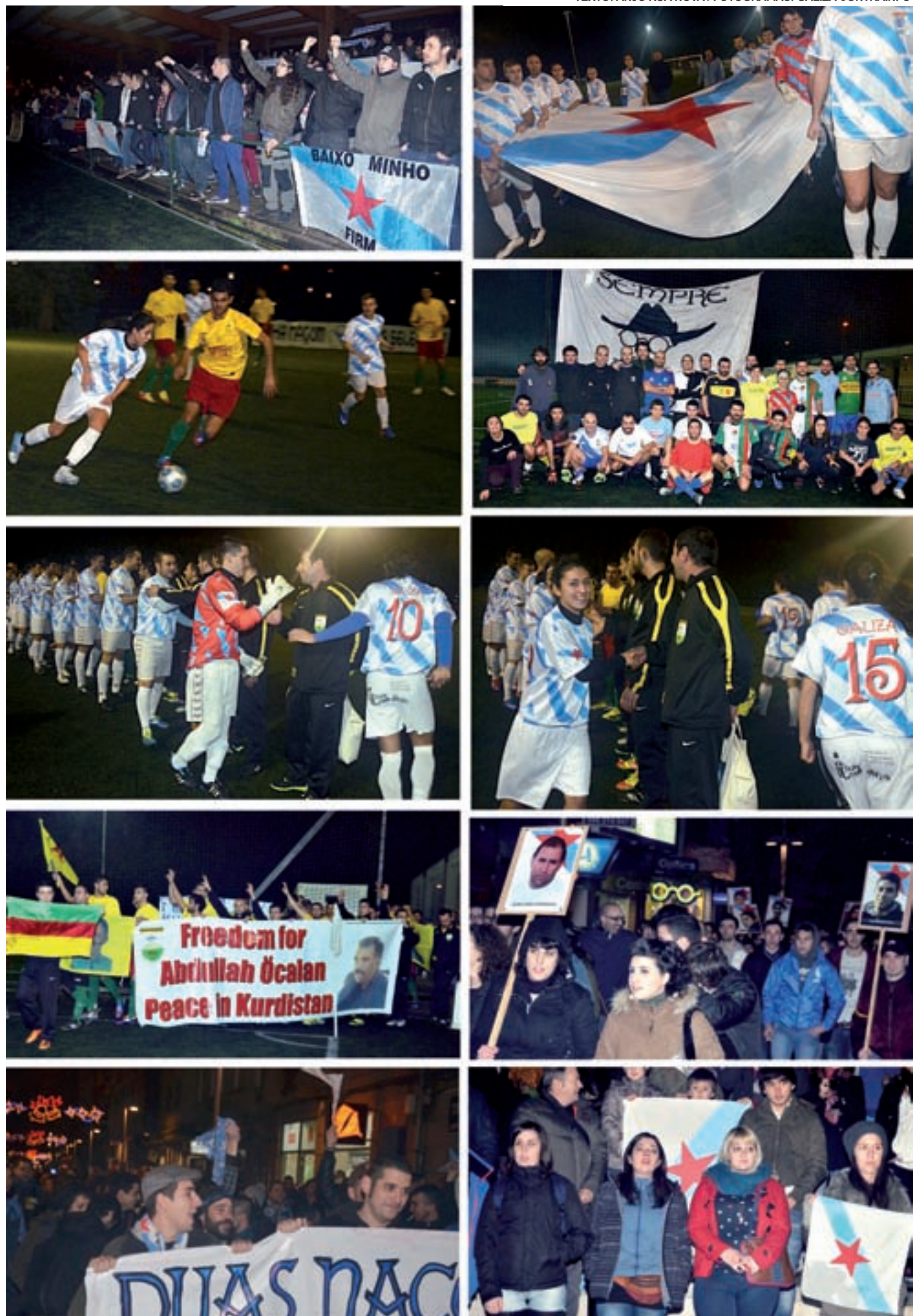
2012. ... mas a Galiza e o Curdistám, povos irmaos, saem ao terreno de jogo na boa vila.

2008. Partido Popular de Feijoo enterra, mais umha vez, as seleçons galegas.

2009. SSGG toma a iniciativa e recupera o jogo amigável. Galiza goleia 9-0 a equipa paraguaia.

2012. Apitada final. 3-2 para a Irmandinha. O resultado apenas importou. Curdistám e Galiza vencêrom como naçons: jogando reclamárom o direito a competirem como seleçons oficiais em torneios internacionais.

TEXTO: ANJO RUA NOVA / FOTOGRAFIAS: GALIZA CONTRAINFO



TEMPOS LIVRES

GASTRONOMIA

PODEMOS ATOPAR NA TENDA NABIÇAS QUE SOM MAIS BEM GRELOS E GRELOS QUE NEM A RABIÇAS CHEGAM

Grelos

SINO SECO / Amiúde som procurados tótems de identidade nacional em animais como a vaca e o porco ou em alimentos como o polvo, mas se quigermos falar de um alimento que se pode dizer que é genuinamente galego, aí temos o grelo. Parece ser que o consumo das folhas desta planta só é registado no território da Gallaecia histórica e nalgum lugar de China, noutros lugares só costumam comer as raízes desta brassica, que nós usamos principalmente como forragem para o gado. Bem, pois parece que os galaicos nom andamos desencaminados ao comermos estas folhinhas porque, para além de serem saborosas e nutritivas, ricas em vitaminas e em cálcio, há estudos que asseguram que tenhem propriedades anticancerígenas através de umha substância que contemham chamada glucosinolatos.

O grelo, cimo ou cimom é o rebento do nabo (*Brassica rapa*) sobre o que depois se há desenvolver a flor da mesma. Portanto, é preciso esclarecer desde já que a rabiça ou nabiça sai exatamente do mesmo lugar que o cimom, mas num estádio anterior; da mesma planta po-

demos obter os dous produtos, um antes de começar a floração e outro depois. E é preciso esclarecer isto pola cofussum generalizada que há sobre estes termos, hoje em dia podemos encontrar nas lojas nabiças que som mais bem grelos e grelos que nem a rabiças chegam.

É um cultivo mui estendido e que se adapta perfeitamente às terras de por aqui, de facto normalmente nom precisa de praguicidas, para além de ter a virtude de que a sua época de produção é em pleno inverno, quando nom abundam outras verduras. De sabor característico, bastante azedo, que nom deixa indiferente, ou gostas ou nom. Os grelos na cozinha tradicional som sobretudo destinados ao caldo, é umha das muitas verduras com que se pode fazer, incluso há lugares onde também usam a raiz. Provavelmente seja no lacom com grelos onde o grelo alcance o seu bem merecido protagonismo culinário, este prato chegou a ser um dos mais conhecidos da cozinha galega, ainda que talvez nom fosse mui reconhecido.

Mas há muitas maneiras de consumir esta verdura que sempre dá um plus a qualquer cozido. Já no século XIX o senhor Manuel Maria Puga y Parga, Picadilho, dava-nos conta de umha



receita de chulas de grelos que é quando menos curiosa, que consistia numha massa para chulas com cimom cozidos, ovos, farinha, sal e canela, que depois acabava de cozinhar num molho com caldo, gema de ovo cozido e vinagre. O mesmo grande gastrónomo, em todos os sentidos da palavra, deixou-nos umha receita de tortilha de grelos, que é feita com a parte destes que nom tem folhas, cozida e passada pola frigideira, a modo de espargos. Introduz assim a combinação de ovos e grelos, tam socorrida na

cozinha galega mais atual: revólto de grelos e gambas, incluso grelos, gambas e presunto, ou grelos e cogumelos.

Trata-se de umha verdura com um sabor tam potente que admite perfeitamente preparaçoms como o paté ou a crema. Conhecemos casos em que umha receita de paté de grelos foi o fator chave para conquistar umha namorada com evidente bom gosto. Infelizmente nom sabemos essa maravilhosa receita, ainda que si podemos dar a de um paté de grelos fácil e que pode valer para re-

ciclar os restos dalgum majestoso cozido: simplesmente há que bater os grelos cozidos junto com um pouco de queijo untuoso, previamente passaremos os grelos pola frigideira com um pouco de cebola refogada, alho e, no último momento, algo de pimentom. Também podem ser utilizados para fazer espetaculares empadas vegetais e nom som para nada desprezáveis à hora de elaborar lasanhas ou cousas similares, pois casa perfeitamente com o queijo, e isto nom é por acaso, pois os melhores queijos som os que som produzidos quando os animais estám alimentados de nabos. Pode surpreender mais o bom convívio que tem com algom produto do mar, mas sempre devemos ter cuidado de que o seu sabor pronunciado nom obscureça outros.

Da importância que tivo e ainda tem na dieta esta verdura falamos a sua difusom polo mundo adiante, a gente emigrada ideou sempre maneiras de dispor dela; mas também o viva que está a palavra que lhe dá nome, nom só no âmbito gastronómico, pois também serve como subterfúgio para fazer referência aos órgãos sexuais em toda a lusofonia. Também é habitual que apareça em todo tipo de ditos e cantigas, como esta que fala da recomendável rota do grelo.

ENTRELINHAS

HISTÓRIA(S) MILITANTE(S) DA GALIZA EXTERIOR

C.C.V. / Pouco a pouco trabalhos surgidos do que se poderia chamar historiografia militante vam preenchendo ocos ou enriquecendo com perspectivas diferentes as versons 'oficiais' da história recente do movimento de libertação nacional.

A enorme achega de Gonçalves Blasco 'Foz' vai precisamente a umha área onde a fossilização e vigilância das versons é maior; além de estar rodeada de umha série de mitos e rumores que ainda a obscurecem mais. Tem o acerto, aliás, de chamar a atenção para umha frente amiúde desprezada no nacionalismo galego: as relaçoens internacionais; demonstrando que isto nom sempre foi assim, embora o desleixo venha de mui atrás.

Se a profusom de dados e o detalhismo na reconstrução pode

Examina umha frente amiúde desprezada no nacionalismo: as relaçoens internacionais

resultar abafante a umha leitura de síntese, também resulta necessária perante umha historiografia que abusou das fontes de segunda mao, repetindo erros. E por outra parte tem a virtude de enviar-nos à quotidianidade da militância da época: o desespero nas comunicaçoens clandestinas por correio, as preocupaçoens pessoais, as dificuldades económicas etc. Constituindo esse corpus de documentos vivenciais, quase etnológicos, umha parte seguramente mais in-



teressante que os detalhes programáticos ou os debates bizantinos de altas instâncias.

Com certeza, esta investigação será mae de muitas outras: a história da rádio na propaganda

nacionalista, as traduçoens para o galego da Internacional, as primeiras apariçoens da estreleira, a vivência militante da emigração e/ou exílio, ou a revisom da genealogia galeguista, umha vez ve-

mos como o legado do Conselho da Galiza -inçado de velhos arredistas da SNP, como Moisés da Presa ou Ricardo Flores-, é confiado aos marxistas da UPG, como Celso Emílio ou o jovem Méndez Ferrín, enquanto os seus herdeiros naturais, os pinheiristas, renegam dele.

Enfim, umha potente investigação cuja autoria de um participante nom questiona tanto a sua objetividade quanto a enriquece. Falta, por certo, por publicar ainda o interessante e extenso capítulo dedicado às relaçoens com a esquerda lusa que, como apontou o autor, seguramente verám a luz num boletim da AGLP.

GONÇALES BLASCO, Luís 'Foz'. *A política e a organização exterior da UPG (1964-1986)*, Liovento, Santiago de Compostela, 2012.

QUE FAZER

16.01.2013 / PROJEÇÃO DE Z32, DE AVI MOGRABI / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21).

COMPOSTELA

Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG. No ciclo 'Palestina'.

18.01.2013 / PALESTRA INFORMATIVA: 'INCINERADORA NON' / 20:00 / CONCERTO DE JRISTOS KANELOS E DAVID RUIZ / 21:30 no C.S. A Cova dos Ratos (Rua Romil, 3). VIGO

Na palestra intervinem Anxo Saborido e Xosé Manuel López Fernández, da asociación 'Incineradora No Deza Non'.

18.01.2013 / CEIA VEGANA / 22:00 no C.S. Vagalume (Rua Nóreas, 5). LUGO

Todas as sextas-feiras.

19.01.2013 / II ENCONTRO GALEGO SOBRE A AUDITORIA DA DÍVIDA / 10:30 no Centro Sociocultural das Fontinhas (Rua Berlim, 13). COMPOSTELA

Dinamiza o grupo da dívida de Compostela com ajuda da plataforma catalá para o mesmo fim. Jornada de análise sobre a dívida externa para esclarecer a sua legitimidade. Mais información no site www.amarantesetem.org.

19.01.2013 / ROTEIRO POLA LÍRICA MEDIEVAL GALEGO-PORTUGUESA / 11:00 na Praça do Pam. COMPOSTELA

Organiza A.C. O Galo. Visita guiada por Isabel Morán e José António Souto, co-autores de *Amor que eu levei de Santiago*, polos espaços das cantigas dos trovadores medievais.

19.01.2013 / II SERÁM DE CABEIRAS / 21:00 em Cabeiras. ARBO

Organiza a Comunidade de Montes Vizinhos em Mao Comum de Cabeiras. Música ao vivo e o espetáculo Galiza Terra Meiga.

20.01.2013 / CONCERTO DE APOIO À ESCOLA SEMENTE / 20:00 no Auditório de Galiza (Avenida do Burgo das Nações). COMPOSTELA

Concerto de Narf, Xoán Curriel e Héctor Lorenzo, dentro da jornada 'Sementes de Música'. A escola (Rua Salvadas, 47) estará aberta de 16:00 a 19:00.

25.01.2013 / CEIA CUBANA / 21:30 na Fundação Artábria (Travessa de Batalhons, 7). FERROL

As reservas podem ser realizadas no endereço correiodeartabria@gmail.com.

21.01.2013 / WORKSHOP DE AUTO-REPARAÇÃO DE BICICLETAS 'RECICLOS' / 18:00

**EM JANEIRO E FEVEREIRO**

Vários coletivos organizam roteiros polo Pico Sacro, Oíncio, Sam Mamede e Vilám

Os fins de semana de inverno están cheios de roteiros organizados por diferentes coletivos ao longo de toda a geografia.

Adega organiza o segundo ciclo de 'Roteiros pola Galiza Mágica', com umha programación que se estende até junho. As suas convocatorias saem sempre da Faculdade de Formação do Professorado

(Avenida de Ramón Ferreiro) de Lugo às 9:00 hh. O dia 20 de janeiro vam visitar o Pico Sacro, em Compostela; o 17 de fevereiro, andarám pola terra de Oíncio.

A Agrupación de Montanha Águas Limpas apresentou também a sua programación anual. Em 2013 vam conhecer o Maziço Galego e começan com um rotei-

ro dos vales de Sao Mamede aos montes do Samiom. Será no fim de semana do 19 e 20 de janeiro.

O Centro Cultural Rueiro de Cúa (Vigo) organiza também caminhas polos arredores da sua cidade. No dia 16 de fevereiro vam visitar as 'Redondezas de Vilám'. Sairám da igreja do Cristo da Vitória (Vigo) às 9:00 hh.

**NO DOMINGO, 27 DE JANEIRO**

Manifestação pola língua

A plataforma Queremos Galego! convoca, para o domingo 27 de janeiro, umha 'Manifestação pola língua que nos une'. A protesta sairá às 12h00 da alameda de Compostela. A plataforma, da qual fam parte centos de coletivos, organiza esta protesta para

exigir a derrogação do "decreto" contra o galego e defender o seu ensino nas escolas públicas. Queremos Galego! disponibiliza autocarros para acudir a Compostela. Há información sobre os horários e localidades no site <http://www.queremosgalego.org/>.

em Forum Propolis (Rua Barcelona, 115). CORUNHA

Todas as segundas-feiras. Workshop para aprender a arranjar bicicletas.

22.01.2013 / AULAS DE RECUPERAÇÃO / 17:30 no C.S. Mária Leva (Rua Serra de Ancares, 18). LUGO

Reforço escolar para o estudante de primária. Todas as terças e quintas-feiras.

22.01.2013 / MERCADO 'ENTRE LUSCO E FUSCO' / 19:00 no Parque de Belvis. COMPOSTELA

Todas as terças-feiras. Inclui 'Espaço de Troca' de diferentes objetos, roupa, etc.

22.01.2013 / TERÇA DE CINEMA / 19:30 no Ateneu Ferrolano (Rua Madalena, 202-204). FERROL

Ciclo de projeções; todas as terças-feiras.

23.01.2013 / TERTÚLIA SOBRE OS ARQUIVOS HISTÓRICOS / 20:00 no Ateneu Ferrolano. FERROL

23.01.2013 / PROJEÇÃO DE E AGORA ONDE IMOS? / 20:30 no C.S. A Cova dos Ratos. VIGO

23.01.2013 / PROJEÇÃO DE A COR DAS OLIVEIRAS, DE CAROLINA RIVAS / 21:30 no C.S. O Pichel. COMPOSTELA

Abre o furancho Malaherba

EM MATAMÁ

O furancho Malaherba de Matamá abre em janeiro. O furancho, que promove o coletivo cultural Malaherba para a recaudação de fondos para as suas atividades, estará aberto no fim de semana do 18, 19 e 20 de janeiro. A asociación anuncia atuações musicais a diário e outras atividades que ainda están pendentes de serem confirmadas. Está na praça de Sam Mauro, na paróquia viguesa de Matamá.

Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG. No ciclo 'Palestina'.

25, 26 e 27.01.2013 / VIII CONGRESSO GALEGO DE ORNITOLOGIA / 10:00 no salom de atos do Local Social de Neanho. CABANA DE BERTANTINHOS

Organiza a Sociedade Galega de Ornitologia. Mais información em <http://congresogalego-ornitologia.blogspot.com.es/>.

25.01.2013 / APRESENTAÇÃO DO LIVRO LETRAS DE AMOR E GUERRA / 20:30 na Fundação Artábria. FERROL Com a presença do autor, Ramiro Vidal Alvarinho.

25.01.2013 / CONCENTRAÇÕES POLA LIBERDADE DOS PRESOS E PRESAS INDEPENDENTISTAS / 20:00. LUGO, OURENSE, VIGO E COMPOSTELA

Todas as últimas sextas-feiras de cada mês. Convoca Ceivar. Mais información em <http://www.ceivar.org/>.

26.01.2013 / CONCERTO DE NHIÓ + THE BROSAS / 22:30 na Fundação Artábria. FERROL

Entrada de graça.

30.01.2013 / PROJEÇÃO DE VIDEOCARTOGRAFIAS: AÍDA, PALESTINA, DE TILL ROESKENS, E PELÍCULA URGENTE POR PALESTINA, DE ALBERTE PAGÁN / 21:30 no C.S. O Pichel. COMPOSTELA

Organiza o Cineclube de Compostela. VOSG. Com a presença de Alberte Pagán, Fayez Badawi e Mohamed Safa. No ciclo 'Palestina'.

06.02.2013 / VIDAL BOLANHO RECUPERADO. CITAS AUDIOVISUAIS / 19:00 no Salóm Teatro (Rua Nova, 34). COMPOSTELA

A obra de Bolanho comentada por Inma López Silva e Xosé Manuel Fernández Castro. Sobre *Agasalho de Sombras*.

07.02.2013 / VIDAL BOLANHO RECUPERADO. CITAS AUDIOVISUAIS / 19:00 no Salóm Teatro. COMPOSTELA

A obra de Bolanho comentada por Inma López Silva e Xosé Manuel Fernández Castro. Sobre *Rosalía*.

10.02.2013 / MÚSICAS DOCES. PETISCOS MUSICAIS NA HORA DO CAFÉ / 16:30 e 17:30 na Confeitaria La Esquina (Pça. Galiza). ARÇUA

Atuação de Davide Salvado. Haverá pastel amendoado e bolo de Santiago. Duas sessões com aforo mui limitado.

13.02.2013 / VIDAL BOLANHO RECUPERADO. CITAS AUDIOVISUAIS / 19:00 no Salóm Teatro. COMPOSTELA

A obra de Bolanho comentada por Inma López Silva e Xosé Manuel Fernández Castro. Sobre *Laudamuco, Senhor De Ningures*.

14.02.2013 / VIDAL BOLANHO RECUPERADO. CITAS AUDIOVISUAIS / 19:00 no Salóm Teatro. COMPOSTELA

A obra de Bolanho comentada por Inma López Silva e Xosé Manuel Fernández Castro. Sobre *Saxo Tenor*.

ENVIA CONVOCATÓRIAS ao correio agenda@novasgz.com antes do dia 12 de cada mês. Anuncia os teus atos no NOVAS DA GALIZA.

“Os livros que as crianças leem influem na sua visom do mundo”

IVÁN SENDE É ILUSTRADOR E ESCRITOR

MARIA ÁLVARES / Iván Sende une narraçom e ilustraçom para criar dous contos para crianças onde as protagonistas som duas moças. Histórias que falam de aventura, literatura, raiva e valentia e que provocárom o interesse da editorial Xerais. Finamente, Iván,

igual que as protagonistas do seu conto, apostou na liberdade e decidiu-se pola autoediçom. Enquanto os seus livros se vam tornando conhecidos, Ivan continua a ilustrar os contos de María Reimóndez e espera publicar um álbum de ilustraçom.

Foste duas vezes finalista do Premio Merlim que convoca Xerais com *Carabranca*, mas finalmente decides nom publicar com eles. Que foi o que aconteceu? Foi um desacordo mutuo. Da última vez que Carabranca ficou finalista, na editorial estavam interessados em publicar o texto, mas quando lhes mostrei as ilustraçoms definitivas nom gostárom, de facto dixérom que pareciam “bocejos inacabados, feitos a lápis e sujos, simples e com pouca vida”. Como eu estava (e estou) mui contente com as ilustraçoms e sempre considerei que faziam um acompanhamento idóneo para esse texto decidim nom publicar com eles, pois isso implicaria alterar o conjunto. A minha ideia, desde o início, era que Carabranca fosse esse texto com acompanhado de essas ilustraçoms; nom eram cousas separadas.

Apesar de nom publicares com eles, decidiste continuar adiante com a autoediçom. Como foi esta experiéncia e que vantagens tiveste ao te teres autofinanciado?

Provei noutras editoriais que tampouco mostrárom interesse e, finalmente, decidim autoeditar-me (a verdade é que nom me imagino a Carabranca ficando numha gaveta). A experiéncia foi mui boa, sobretudo como experiéncia. Aprende-se muito, a grande desvantagem, porém, é todo o trabalho e o tempo que leva porque a inexperiéncia, às vezes, provoca que as cousas nom saiam como esperavas, sempre aparecem problemas com que nem sequer contavas.

Sem dúvida, a grande vantagem é o controlo que tés sobre o que fás. Em todo momento és tu quem determina o resultado, e no plano criativo ninguém che pom condiçoms, cousa que sim acontece quando trabalhas com umha editorial. Os condicionantes que costumam pôr estám mais relacionados com o conteúdo que com a forma, mas nom deixam de ser condicionantes e, às vezes, vam contra o resultado final. Quando te publicas tu próprio, és tu quem tem a última palavra sobre o tipo de papel, o tamanho do livro, número de tintas ou mesmo a tipografia, esse tipo de cousas que, ainda que poida parecer que nom tenhem importáncia, determinam em grande medida o aspecto físico do livro.



Escreveste dous contos: *Carabranca* e *Bea*. Que partilham as duas protagonistas e em que se diferenciam?

Penso que som mui diferentes; nom tanto as protagonistas em si, senom o que se mostra de cada umha delas. Bea é o retrato de umha moça daqueles anos setenta, e é unha moça do seu tempo... Carabranca é umha historia sobre a literatura, a aventura e o romance, da mao de umha alma curiosa e brava, Carabranca, que percorre o mundo e encontra multiddom de situaçoms e pessoas.

Nos contos tratas de transmitir algum tipo de ensinança ou simplesmente pretendes contar umha história?

Nom trato de ensinar nada, só trato de mostrar umha história e ser o mais fiel possível à própria história. As narraçoms tenhem vida por si próprias, tenhem o seu rimo e um caminho bastante definido; se os respeitos a historia funciona, se pretendes pôr algo “teu”, normalmente a cousa acaba coxeando. Essa é a minha experiéncia. Com isso nom quero dizer que nom haja outras pessoas que escrevam histórias fantásticas com conteúdo ou pretensoms moralistas, mas nom tem nada a ver com o que eu fago.

Para além de escrever, ilustras. Qual é o processo à hora de criar, escrever e ilustrar a história? É to-

do feito ao mesmo tempo ou cada cousa tem o seu momento?

No meu caso sempre vai o texto primeiro. Depois de ter a história nas maos fago o trabalho de ilustraçom que considero mais ajeitado -dentro do meu estilo-. Este processo é assim para os meus trabalhos e para o trabalho doutras pessoas, sempre trabalhei assim, com poucas excepçoms. Há tempo que tenho um trabalho parado, está mui bem definido em termos de estilo e já tenho feito umha dúzia de ilustraçoms, mas nom consigo acabar a história. Talvez seja esse trabalho o que vai ficar na gaveta.

Como apareçerom estas histórias? Qual foi a tua inspiraçom?

No caso de Bea foi simples: é o dia a dia de umha criança alá pola década dos setenta. No caso de Carabranca a história apareceu de casualidade; pensava escrever a história de umha relaçom de amor-ódio entre um rapaz e umha rapariga, com fantasmas incluídos, mas apareceu Edelmiro, e da caneta de Edelmiro nasceu Carabranca. Os dous tinham tam claro o seu papel que eu tentei manter-me à margem; fôrom eles próprios quem escrevêrom a sua história.

Antes os contos estavam baseados na moral ou no patriarcado (príncipes que resgatavam princesas, mulheres más ou boas, passivas...), mas

agora temos outro tipo de literatura infantil onde as mulheres toam as rendas da sua vida e os homens partilham protagonismo com elas. Inverter estes valores pode ajudar a educar as crianças em valores de igualdade e respeito?

Sem dúvida. É evidente que os livros que leem as crianças influem na sua visom do mundo e das relaçoms. Que hoje em dia sejam as moças e as nenas quem protagonizem livros infantis e que, dentro desses pequenos mundos que som os livros, tenham capacidade plena de decisom sobre a sua vida e as suas açoms, é um exercício por adaptar a literatura à realidade, ou àquilo que a realidade teria de ser. Mas, ironicamente, o próprio facto de fazeres esta pergunta demonstra que ainda resta muito trabalho por fazer.

Fala-me dos teus desenhos, nos teus dous contos destaca a quase total ausência de cor e que som mui minimalistas, algo estranho no mundo dos desenhos que ilustram contos infantis.

Questom de estilo. Se por mim fosse, na maior parte dos casos publicaria unicamente desenhos a lápis. Nom vejo a necessidade de umha mudança: é o que gosto de fazer e nom vejo motivo para fazê-lo doutro modo. É um pouco como se alguém lhe perguntasse a um artista japonês do sumi-e porque nom utiliza têmpera de cores nas suas obras. Simplesmente nom funciona assim.

Há grandes ilustradoras e ilustradores infantis numha linha semelhante, sobretudo em trabalhos para primeiros leitores, ainda que hoje em dia estejam mais na moda os conteúdos mais “barrocos” e complexos. De facto, às vezes penso que os trabalhos tam simples nesta época de excesso de conteúdo gráfico (tanto na quantidade como na qualidade), devem ser agraçados ainda que só seja polo descanso visual que procuram.

Quais som os teus próximos projetos?

Por agora tenho um álbum de ilustraçom acabado sobre vidas ficticias de santos que busca padrinho (talvez acabe autoeditando-o também), e estou a ajudar a um amigo, Mrk Wiersma, com as ilustraçoms para um álbum, um disco-livro com as suas cançoms -precioso, por certo-.

Daniel Salgado

VOLTAR A PASOLINI

Porque um escritor e cineasta italiano morto há mais de 37 anos fala para nós forma parte da intempetividade das resistências. A história move-se em espirais, diagnosticava o clássico, e a metáfora da velha toupá serve ainda como sintoma da fragilidade de todo o sólido. “Nada resiste a potência unificadora da metáfora”, explicou Pier Paolo Pasolini, “através dela, cada cousa é comparável às outras”. No combate polo valor de uso da linguagem, o poeta d’*As cinzas de Gramsci* nunca cedeu espaço ao partido da ordem. Sabia que na luta por umha palavra se ativava a história da luta de classes. Quer dizer, a história da humanidade.

Enfrentado à ideia burguesa de progresso e defensor da autonomia das culturas subalternas, crítico destrutor do sentido comum que mana do capital e das relaçoms sociais que este gera, a obra de Pasolini transporta um ódio quase físico pola civilizaçom do consumo. “Agora entramos no período das consequências”, véu dizer o Lukacs serôdio, coetâneo do herético comunista italiano. O tempo dessa catástrofe, em que as maiorias sociais engulipam literalmente merda, é retratado no filme *Saló ou os 120 dias de Sodoma*. No poema *O orfo de Von Spreti*, escrito em abril de 1970, Pasolini também segue a falar para nós: “é mui dificilmente demonstrável / que aló onde há fascismo podá haver imparcialidade: / isto, o teu filho já aprendeu a nom querer sabê-lo”.